



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS –  
FALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

**ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA MOTA**

**ANÁLISE VARIACIONISTA DA SÍNCOPE EM  
PROPÁROXÍTONAS NO PORTUGUÊS ALAGOANO**

MACEIÓ  
2019

ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA MOTA

**ANÁLISE VARIACIONISTA DA SÍNCOPE EM PROPÁROXÍTONAS NO  
PORTUGUÊS ALAGOANO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Linha de Pesquisa: Teoria e Análise Linguística

Orientador: Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira

Maceió  
2019

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

M917v Mota, André Luiz Oliveira.  
Análise variacionista da síncope em proparoxítonas no português alagoano / André Luiz Oliveira Mota. – 2019.  
82 f. : il.

Orientador: Alan Jardel de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2019.

Bibliografia. f. 69-71.

Apêndices: f. 72-79.

Anexos: f. 80-82.

1. Sociolinguística variacionista (Linguística). 2. Língua portuguesa - Pronúncia - Alagoas. 3. Síncope (Fonética) - Proparoxítonas. I. Título

CDU: 811.134.3'27(813.5)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



## TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA MOTA

Título do trabalho: "ANÁLISE VARIACIONISTA DA SÍNCOPE EM PROPAROXÍTONAS NO PORTUGUÊS ALAGOANO"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira (Uneal)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa (PPGLL/Ufal)

Maceió, 07 de agosto de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador Alan Jardel, pelo incentivo a fazer a seleção de pós-graduação e, no decorrer do processo, pela paciência, pela ideias inovadoras e detalhes pertinentes a minha pesquisa.

À minha família de modo geral e, sobretudo, a meu pai, minha mãe e minha irmã que compreenderam e me auxiliam em meu esforço e persistência no decorrer dos meus estudos.

Aos professores Luiz Fernando, Adeílson Sedrins, Denis Dickson, Aldir de Paula, Elyne Vitória e a Telma Magalhães, que fizeram parte do meu processo de aprendizagem com suas contribuições durante o curso.

Aos meus amigos mais próximos Suziane Porto, Marcos Grutzmacher e Pollyanna Vieira pela força e incentivos que nos proporcionamos no decorrer de tantos desafios e novos conhecimentos.

A todos os meus colegas no decorrer do curso que contribuíram direta ou indiretamente com o crescimento de minha aprendizagem.

Ao grupo Línguas Brasileiras e a todos os seus componentes, os quais compartilhamos discussões e sugestões no decorrer do meu estudo.

A todos os segmentos da Faculdade de Letras (FALE), onde fiz minha graduação e cresci intelectualmente.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), que permitiu meu avanço e continuação nos estudos da ciência linguística de modo geral e, sobretudo, em minha linha de pesquisa.

Ao apoio financeiro concedido pela CAPES/FAPEAL, sem o qual não conseguiria me manter a fim de me dedicar aos estudos.

## RESUMO

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, esta pesquisa propõe identificar e analisar o fenômeno linguístico da síncope em proparoxítonas no português falado no estado de Alagoas, verificando os contextos internos e externos que possibilitam e favorecem esse processo e investigar casos de apagamentos em contextos inibidores buscando entender as implicações acarretadas às teorias fonológicas e à análise da síncope em português. Esse fenômeno consiste na redução de vocábulos proparoxítonos a paroxítonos devido à perda da vogal medial (xícara~ xicra, árvore ~ arvre). A pesquisa faz parte do projeto “Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL”, cujo principal objetivo é a constituição de um banco de dados de falares de alagoanos. A amostra é estratificada em relação ao sexo/gênero *masculino* e *feminino*, à escolaridade *fundamental (até 8 anos de estudo)* e *superior (acima de 11 anos de estudo)* e faixa etária (*entre 18 a 35 anos, 40 a 55 anos e acima de 60 anos*). Dados de fala de oito cidades alagoanas são analisadas: Arapiraca, Capela, Delmiro Gouveia, Maceió, Penedo, Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares. A transcrição das entrevistas foi ortográfica utilizando-se o software PRAAT. Foram identificadas 1.788 proparoxítonas, dos quais 912 apresentaram síncope, o que representa 51% de apagamentos. Os dados foram analisados utilizando regressão logística multinível. Concluímos que não há indícios de mudança linguística em progresso. Entre as mulheres, há desfavorecimento. Entre os homens, os mais jovens comportam-se como as mulheres, desfavorecendo a síncope. É possível que haja um processo de mudança em progresso entre os homens e que eles também estejam caminhando para um processo de variação estável com baixa aplicação de síncope, no futuro. Não há interferência da escolaridade no processo. Linguisticamente, concluímos que a síncope é favorecida pelo apagamento de sílabas finais, por vogais altas [u/i], quando a proparoxítona não ocupa o último lugar da frase fonológica e por um alto número de sílabas pretônicas. Acreditamos que a síncope em proparoxítonas possa ter uma origem mais fonética do que fonológica, ou seja, os princípios fonológicos e as restrições fonotáticas exercem uma influência menor do que afirmam outros estudos sobre o tema.

**Palavras-chave:** Sociolinguística variacionista, variação no português alagoano, síncope em proparoxítonas.

## ABSTRACT

Based on the theoretical-methodological assumptions of variationist sociolinguistics, this research proposes to identify and analyze the linguistic phenomenon of proparoxytone syncope in Portuguese spoken in the state of Alagoas. Inhibiting contexts seeking to understand the implications of phonological theories and analysis of syncope in Portuguese. This phenomenon consists in the reduction of proparoxytonous words to paroxytones due to the loss of the medial vowel (cup ~ xicra, tree ~ arvre). The research is part of the project “Linguistic Variation in Portuguese Alagoas - PORTAL”, whose main objective is the constitution of a database of Alagoas speaking. The sample is stratified by gender and male and female, elementary school (up to 8 years of school) and higher (above 11 years of school) and age group (between 18 to 35 years, 40 to 55 years and above). 60 years old). Speech data from eight cities of Alagoas are analyzed: Arapiraca, Chapel, Delmiro Gouveia, Maceió, Penedo, Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres and União dos Palmares. The transcription of the interviews was orthographic using the PRAAT software. A total of 1,788 proparoxytones were identified, of which 912 had syncope, representing 51% of deletions. Data were analyzed using multilevel logistic regression. We conclude that there is no evidence of linguistic change in progress. Among women, the variation is stable. Among men, younger men behave like women, disfavoring syncope. It is possible that there is a process of change in progress among men and that they are also moving towards a process of stable variation in the future. There is no interference of schooling in the process. Linguistically, we conclude that syncope is favored by the erasure of final syllables, high vowels, when proparoxyton does not occupy the last place of the phonological phrase and a high number of pretonic syllables. We believe that proparoxytone syncope may have a more phonetic origin than phonological origin, that is, phonological principles and phonotactic restrictions exert less influence than other studies on the subject claim.

**Keywords:** Variationist sociolinguistics, variation in Alagoan Portuguese, syncope in proparoxytones.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 - Variantes das proparoxítonas distribuídas em relação à estrutura da sílaba medial.....</b>	<b>51</b>
<b>Tabela 2 - Variáveis sem significância estatística para a síncope nas proparoxítonas em Alagoas.....</b>	<b>55</b>
<b>Tabela 3 - Testes de interação entre variáveis sociais.....</b>	<b>57</b>
<b>Tabela 4 - Variável Apagamento final.....</b>	<b>57</b>
<b>Tabela 5 - Variável Apagamento final.....</b>	<b>58</b>
<b>Tabela 6 - Variável tipo de vogal medial.....</b>	<b>60</b>
<b>Tabela 7 - Variável Acento inicial da palavra seguinte.....</b>	<b>61</b>
<b>Tabela 8 - Variável interação entre faixa etária e sexo.....</b>	<b>63</b>
<b>Tabela 9 - Teste tukey para a variável faixa etária.....</b>	<b>64</b>
<b>Tabela 10 - Variável cidade.....</b>	<b>66</b>
<b>Tabela 11 - Variável número de sílabas pretônicas.....</b>	<b>67</b>
<b>Tabela 12 - Variáveis de nível agredado no processo de síncope em proparoxítonas.....</b>	<b>68</b>



## LISTA DE FIGURA

<b>Figura 1 - Representação esquemática da busca dos textos.....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 2 - Neutralização da vogal postônica não final.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 3 - Estrutura silábica .....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 4 - Constituintes silábicos do PB.....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 5 - Escala de sonoridade.....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 6 - Condição positiva do ataque complexo.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 7 - Representação do acento em grade métrica.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 8 - Troqueu silábico.....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 9 - Troqueu mórico.....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 10 - Iambo.....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 11 - exemplos de regras de acento.....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 12 - regra da síncope em proparoxítonas.....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 13 - Cidades pesquisadas.....</b>	<b>44</b>
<b>Figura 14- Iteração entre as variáveis faixa etária e sexo na síncope em proparoxítonas.....</b>	<b>61</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 – Vogais postônicas não finais dos proparoxítonos.....</b>	<b>29</b>
<b>Quadro 2 – Sistema vocálico pela fonologia autosegmental .....</b>	<b>30</b>
<b>Quadro 3 - Ataques complexos permitidos em língua portuguesa.....</b>	<b>34</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>13</b>
<b>3. ASPECTOS TEÓRICOS</b> .....	<b>24</b>
3.1 Sociolinguística variacionista.....	24
3.2 O sistema vocálico do português brasileiro.....	27
3.3 Fonologia métrica.....	29
3.3.1 A sílaba em português.....	29
3.3.2 O acento na fonologia métrica.....	34
3.3.3 O acento no português brasileiro.....	39
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	<b>39</b>
4.1 Portal.....	40
4.2 Comunidade e fala.....	40
4.3 Seleção das variáveis.....	43
4.3.1 Variável dependente.....	43
4.3.2 Variáveis independentes linguísticas.....	43
4.3.2 Variáveis independentes sociais.....	45
4.4 Análise estatística.....	47
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>59</b>
5.1 C1V1 - Apagamento da sílaba medial.....	51
5.2 C1V1C2V2 – Apagamento de ambas as sílabas após a sílaba tônica.....	52
5.3 Ajuste do modelo de regressão.....	54
5.4 Análise da síncope vocálica.....	56
5.4.1 Variável apagamento da sílaba final.....	56
5.4.2 Variável tipo de vogal medial.....	58
5.4.3 Variável acento inicial da palavra seguinte.....	59
5.4.4 Variável interação entre sexo/gênero e faixa etária.....	61
5.4.5 Variável Cidade.....	64
5.4.6 Variável pretônicas.....	65
5.4.7 Variáveis agregadas.....	66
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>

REFERÊNCIA.....	68
APÊNDICES.....	73
ANEXO 1.....	81
ANEXO 2.....	82
ANEXO 3.....	83



Em Lima (2008), a autora constata, além da ressilabação, outros fenômenos desencadeados pelo apagamento da vogal medial: a assimilação e a reestruturação do pé. O primeiro decorre da perda de um traço devido ao segmento vizinho, como em *cócega* ~ *cós.ka*, nesse caso o segmento [g] desvozeou-se e transformou-se em [k]. A reestruturação do pé faz ocorrer uma mudança do acento mais marcado (as proparoxítonas) para o acento menos marcado (as paroxítonas).

Uma constatação que muitos trabalhos fazem acerca da síncope em proparoxítonas é a de que a redução só ocorre em vocábulos nos quais é possível ocorrer o processo de ressilabação, como todos os casos acima mencionados. Assim, palavras como *época*, *rápido* e *político* não se configuram como contextos propícios à síncope, pois, caso haja a queda da vogal medial, a ressilabação com os segmentos restantes fere princípios universais de formação silábica e regras fonotáticas específicas da língua portuguesa, visto que formações silábicas como *ep.ca*, *rap.do* e *polit.co*, isto é, sílabas com coda terminadas em oclusivas, não fazem parte das regras que regem o português.

Entretanto, pesquisas como as de Fernandes (2007) e de Mota (2017) constataram reduções em proparoxítonas em contextos não favoráveis, como em *ep.ca* e *polit.co*. Diante disso, chegamos a um dos principais aspectos discutidos neste trabalho: averiguar o apagamento de vogais mediais em ambientes desfavorecedores da síncope.

O objetivo geral deste estudo é identificar os condicionadores linguísticos e sociais que influenciam o fenômeno da síncope em proparoxítonas por meio de uma análise variacionista. Ademais, visamos a investigar casos de apagamentos em contextos inibidores, como os acima mencionados, buscando um encaixamento desses casos nas teorias silábicas e fonológicas do português.

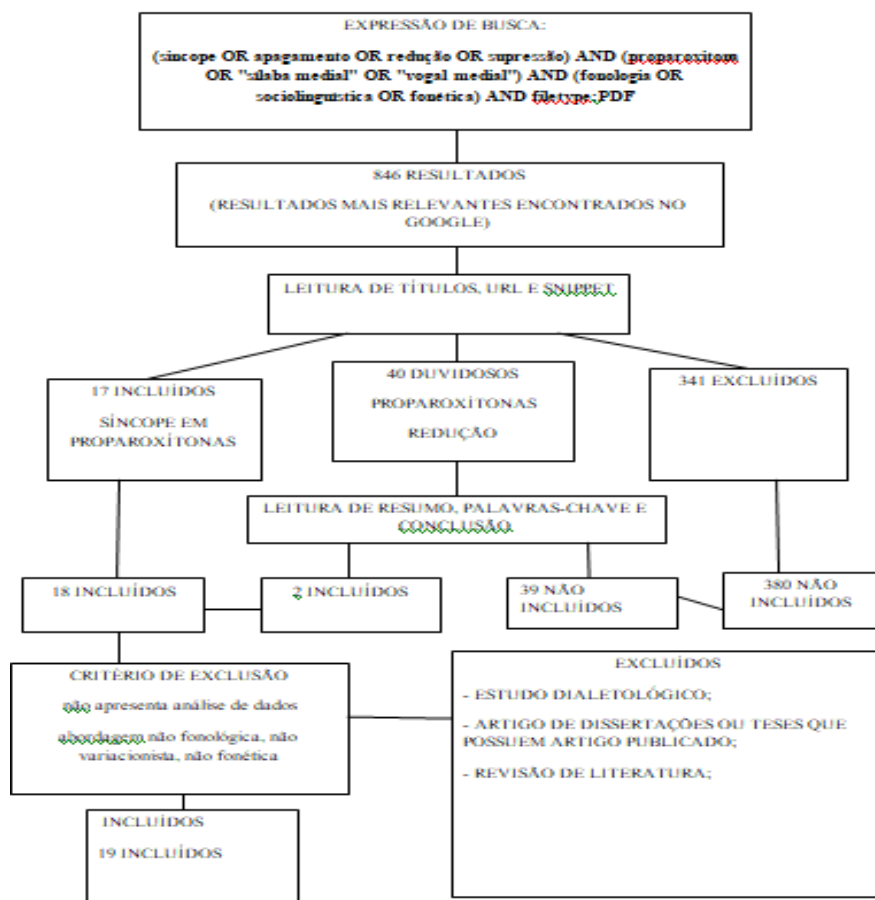
Para tanto, este trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos uma revisão sistemática de literatura; na seção 2, descrevemos os aspectos teóricos que embasam nosso estudo: a sociolinguística variacionista e as fonologias autossegmental, métrica e a teoria do acento de Hayes (1995); na seção 3 explicitamos a metodologia, o projeto ao qual o trabalho está vinculado, as comunidades de fala e as variáveis independentes selecionadas; na seção 4, apresentamos os resultados da análise estatística e na última seção trazemos as conclusões do estudo.

## 2. REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Iniciamos o estudo da síncope em proparoxítonas em falares alagoanos em Mota (2017). Além de apresentarmos os principais resultados e conclusões desse trabalho, selecionamos também os estudos de Aragão (2000), Amaral (2002), Quednau (2004), Fernandes (2007), Araujo, Guimarães-Filho, Oliveira e Viaro (2008), Lima (2008), Castro (2008), Meireles e Barbosa (2009), Ramos e Tenani (2009), Bueno e Carvalho (2010), Chaves (2011), Araujo (2012), Santana (2012), Araújo e Lopes (2014), Araújo, Almeida e Santos (2014), Chaves e Silva (2014), Gomes (2015), Rodrigues (2015) e Silva (2015).

A seleção foi feita utilizando a seguinte expressão no Google Acadêmico: *(síncope OR apagamento OR redução OR supressão) AND (proparoxítona OR "sílabas medial" OR "vogal medial") AND (fonologia OR sociolinguística OR fonética) AND filetype:PDF*.

**Figura 1 – Representação esquemática da busca dos textos**



**FONTE:** elaborado pelo autor/ 2019

No período entre 13 de fevereiro e 21 de abril de 2018, utilizamos a expressão citada a fim de realizar a Revisão Sistemática de Literatura (RSL) por meio do Google Acadêmico. A realização da busca em português resultou em aproximadamente 846 resultados, mas com resultados reais variando entre 646 e 686, dependendo do dia de busca.

Seguimos três passos para a seleção dos artigos: inicialmente, foi realizada a leitura dos títulos, URL e Snippet, o que possibilitou classificar 341 textos como excluídos, 40 duvidosos e 17 inclusos. O passo seguinte foi a leitura do resumo, palavras-chave e conclusões dos textos duvidosos com objetivo de indentificar se o trabalho desenvolvido abordava o objeto de estudo com embasamento fonético e/ou fonológico e/ou sociolinguístico. Por fim, por meio dos critérios de exclusão expostos na figura, chegamos a um total de 19 pesquisas incluídas em nossa revisão de literatura, que serão abordadas a seguir.

Aragão (2000) pesquisou o uso das proparoxítonas no falar de Fortaleza a partir de seis entrevistas do *corpus* “As palavras proparoxítonas no falar de Fortaleza” colhido da pesquisa “dialetos sociais cearenses” coletadas por meio de entrevistas, conversas espontâneas e interação médico-paciente. A pesquisadora levou em consideração as seguintes variáveis: cidade, sexo, faixa etária, grau de instrução e classe social. A autora trabalha com a variável: proparoxítona e paroxítona, e descreve os tipos de apagamentos encontrados nas proparoxítonas, como queda da vogal e consoante postônica, queda da vogal postônica, queda da vogal tônica e da sílaba postônica medial, apagamento da sílaba final, semivocalização da consoante nasal e da sílaba medial. Aragão chega as seguintes conclusões: os fatores fonético-fonológicos são os de maior influencia na redução das proparoxítonas, seguido pelo grau de escolaridade dos informantes.

Amaral (2002) realizou um estudo sobre a síncope em proparoxítonas no município gaúcho de São José do Norte na observação da fala de 40 informantes da zona rural da cidade. Sete variáveis foram selecionadas e os dados foram computados pelo programa VARB2000. Dos fatores linguísticos, a líquida vibrante foi o melhor contexto da variável contexto seguinte. As vogais posteriores ( /ɔ/, /o/, /u/) foram as mais apagadas; a consoante velar /k/ foi a que melhor favoreceu a síncope e as sílabas leves (terminadas em vogais) foram as que mais ajudaram no processo. Das variáveis sociais, a mais significativa foi a escolaridade, evidenciando o que era previsível para a autora: os menos escolarizados tendem a apagar mais as vogais átonas não-finais. Em relação à variável ‘sexo’, constatou-se que os homens



favorecem a síncope. Pela análise da variável ‘faixa etária’, concluiu-se que os mais velhos privilegiam a síncope. A variável ‘extensão da palavra’ não foi significativa para a realização do processo.

A pesquisa de Quednau (2004) é de perspectiva diacrônica e tem o intuito de verificar as consequências da síncope em latim, em português arcaico e seus reflexos na atribuição de acento nessas línguas citadas. A teoria adotada pela autora é a do inventário dos pés métricos de Hayes (1992), que utiliza como unidade portadora do acento a sílaba. Hayes formula uma lei geral denominada de lei iâmbico-trocaica que afirma que elementos que diferem de intensidade têm proeminência inicial (à esquerda) e elementos que contrastam em duração tem proeminência final (à direita). Essa lei rege os três tipos de pés limitados, sempre binários, que são: troqueu silábico (não distingue sílabas leves e pesadas, proeminência à esquerda do pé); troqueu mórico (são sensíveis ao peso silábico e possui constituintes com cabeça à esquerda); iambo (sempre com proeminência à direita). Além disso, Hayes apresenta outra proposta abandonada posteriormente: o troqueu irregular, que é sensível à quantidade e com cabeça à esquerda, e é essa proposta que Quednau utiliza para explicar o padrão acentual do latim clássico e do português arcaico, pois, segundo a autora, esse tipo de pé caracteriza o latim clássico (proparoxítono), por não excluir nenhum vocábulo e acomodar todos os dados baseados em uma única regra, o troqueu irregular. No latim vulgar, devido à síncope que apagou as penúltimas vogais átonas, as duas sílabas passaram a ser interpretadas como um pé insensível ao peso silábico, caracterizado pelo troqueu silábico e sem extrameticidade. A respeito do português arcaico, que herda do latim vulgar a não-ocorrência de proparoxítonas, a autora defende o troqueu irregular como o acento mais adequado para caracterizar esse sistema, pois esse resulta da combinação de um pé binário com cabeça à esquerda e um pé sensível ao peso da sílaba final. Assim, Quednau conclui que a síncope foi essencial para a mudança de acento dessas línguas, os estágios latim clássico, latim vulgar e português arcaico podendo ser caracterizados como um sistema marcado (troqueu irregular), para um sistema não-marcado (troqueu silábico) e a volta para um sistema marcado (troqueu irregular). O português moderno apresenta esse sistema devido à reintrodução de proparoxítonas e a ocorrência de oxítonas devido ao contato com as línguas indígenas.

Fernandes (2007) estudou o apagamento de vogais átonas em trissílabos proparoxítonos. O *corpus* utilizado foi um texto contendo as proparoxítonas lido por três falantes com ensino superior do português europeu. Os 111 vocábulos trissílabos proparoxítonos apresentaram os seguintes resultados: 27% de manutenção da palavra; 30% de

dissílabos com apagamento da vogal medial; 21% de monossílabos; 12% de dissílabos com apagamento da última vogal; 7% que não se enquadra em nenhuma categoria mencionada. Assim, os falantes apresentaram 64% de apagamento em algum segmento da palavra, o que gerou encontros consonantais em posição interior e ganho de uma ou mais consoantes em posição final, muitas vezes não previstos pela teoria fonológica. Além disso, a autora constatou os principais fatores que favoreceram esse apagamento: as vogais [u] e [i] apresentaram maior apagamento; os dissílabos gerados dos proparoxítonos apresentaram maior elisão em posição postônica não final; as vogais mediais apagaram majoritariamente seguidas de consoantes oclusivas surdas; as proparoxítonas mais frequentes apresentam maior probabilidade de apagamento enquanto as mais raras resistiram ao processo. Como conclusão, Fernandes afirma que as teorias fonológicas devem levar em conta as recentes descrições fonéticas, como apresentadas no estudo, pois os princípios fonológicos são postos em causa pelas realizações fonéticas.

Araújo et al. (2008) analisam as proparoxítonas e o sistema acentual do português. Para isso, os autores se basearam nos estudos anteriores acerca desses vocábulos. De modo geral, a literatura anterior afirma que o acento do português brasileiro é paroxítono. Portanto, as proparoxítonas constituem exceção à regra, com base em três constatações: baixa frequência dessas palavras; tendência à síncope da vogal na sílaba pós-tônica não final e extrametricidade da vogal da sílaba final; e introdução tardia na língua (século XVI). Diante disso, os autores trabalharam com um *corpus* de 18.413 palavras retiradas do Dicionário Houaiss a fim de constatar essas afirmações citadas em uma análise que agrupou dados morfológicos, históricos e de frequência. Assim, os autores chegam às seguintes conclusões: as proparoxítonas sempre existiram no português; elas foram encontradas em todas as épocas da língua (os autores identificaram isso por meio de registros escritos para identificar a primeira aparição da palavra); a síncope em proparoxítonas ocorre em determinados contextos específicos favoráveis a essa redução; não há evidências de que os falantes evitem usar esses vocábulos, assim como não há evidência de uma mudança do padrão acentual dessas palavras; os empréstimos recentes com acento na antepenúltima sílaba sugerem que a conservação do acento ainda está vivo. Portanto, os pesquisadores afirmam que qualquer análise que estude o acento lexical em português brasileiro deve considerar as proparoxítonas como parte do sistema.

Lima (2008) investigou o processo de síncope em proparoxítonas com dados do sudoeste goiano a partir da análise da fonologia métrica, que inclui os modelos teóricos da

sílaba proposto por Selkirk (1982) e do acento por Hayes (1995), e da análise variacionista de Labov (1972). Em sua análise, três processos fonológicos foram observados: a ressilabação (o segmento consonantal é incorporado à coda da sílabas tônica ou ao ataque da sílabas átona); a reestruturação do pé (transforma proparoxítonas em paroxítonas); e a assimilação (um segmento assimila características de um segmento precedente ou subsequente). O *corpus* foi constituído, inicialmente, de 1902 proparoxítonas, porém os vocábulos que apresentavam consoantes palatais antes das vogais mediais não-finais não apresentaram apagamento, por isso, esses vocábulos foram excluídos e o trabalho foi realizado com 1776 vocábulos proparoxítonos. Houve apagamento em 26,6 % dos dados (472 casos). Os resultados, rodados no programa GOLDVARB, apontaram as seguintes variáveis independentes como favorecedores do processo: grau de escolaridade, contextos fonológicos seguintes e precedentes à vogal medial não-final (líquida vibrante e consoante velar, respectivamente), traço de articulação da vogal (vogais labial favorecem mais o apagamento), região geográfica (segundo a autora, a cidade de Santa Helena de Goiás aplica mais a síncope por ser mais rural do que a cidade de Rio Verde) e maior realização de apagamento pelos homens do que pelas mulheres.

Em seu artigo *A redução de proparoxítonas no português popular do Brasil: estudo com base em dados do atlas linguístico do Paraná (ALPR)*, Castro (2008) analisa, a partir de oito cartas linguísticas com as palavras: árvore, amígdalas, estômago, relâmpago, útero, eucalipto, eclipse e glândula, a frequência, a distribuição diatópica e os processos de realização fonética nas reduções de proparoxítonas a paroxítonas. Utilizou-se como variáveis independentes o grau de escolaridade e o sexo dos informantes. A autora concluiu que a variável diatópica não foi relevante, já que a redução ocorreu em todas as localidades que o atlas contemplava; há um predomínio da redução a paroxítonas; em relação à escolaridade e ao sexo não foi possível chegar a conclusões seguras, visto que a diferença entre as diferentes escolaridades e os sexos é bastante baixa.

Meireles e Barbosa (2009) investigaram, à luz da Fonologia Articulatoria (FAR), a redução de proparoxítonas a paroxítonas e o papel que a taxa de elocução desempenha nesse processo. A FAR considera como unidade mínima o gesto articulatório, o qual possui extensão temporal e espacial, o que leva à afirmação de que os gestos não desaparecem ou aparecem, mas sempre estão presentes. No estudo, os autores demonstram como o aumento da taxa de elocução engatilha o processo de mudança de proparoxítonas a paroxítonas. O *corpus* utilizado foi composto de 8 informantes: quatro do dialeto paulista (2 de ambos os sexos) e

quatro do dialeto mineiro (2 de ambos os sexos), com gravações de frases veículos realizadas em salas de isolamento acústico. Além da conclusão de que as taxas mais rápidas de elocução dos vocábulos selecionados favorecem a paroxítonização, Meireles e Barbosa também concluem que essa redução gestual depende de cada falante; o dialeto mineiro tende a falar 17% mais rápido do que o dialeto paulista; o gênero masculino fala 11,5% mais rápido do que o gênero feminino; as consoantes são os sons menos propensos a taxa de elocução, seguidas das vogais pós-tônicas finais e pós-tônicas mediais.

Ramos e Tenani (2009) investigaram a síncope em proparoxítonas, nos nomes, no dialeto do noroeste paulista, na cidade de São José do Rio Preto. A pesquisa desenvolveu-se na perspectiva da teoria métrica (Hayes, 1995), por meio de duas informantes do sexo feminino, nascidas na cidade citada, com ensino superior e de faixa etária entre 16 e 25 anos. O experimento foi composto de duas partes: na primeira, foram controlados cinco vocábulos proparoxítonos com contextos adjacentes propícios à ressilabação, no interior da palavra fonológica, com o objetivo de observar se o apagamento está relacionado com a formação e a forma do pé métrico e se há restrições de algumas estruturas silábicas na aplicação do processo ou se este se aplica de forma categórica; na segunda parte do experimento, controlou-se a alternância, binária e não binária, com o item proparoxítono inserido na frase entonacional, com intuito de observar as alternâncias rítmicas que se dão em constituintes maiores do que as palavras. As autoras concluíram que o processo de síncope em proparoxítonas está relacionado à formação e à forma do pé trocaico, pelas restrições silábicas que levam os segmentos flutuantes após o apagamento da vogal medial tendem a se manterem nas mesmas posições silábicas. Com relação às proparoxítonas nas frases entonacionais, a síncope foi atribuída à ênfase que a informante produziu durante a realização da frase.

Bueno e Carvalho (2010) analisaram a síncope em proparoxítonas na cidade de Dourados-MS. O *corpus* foi composto por entrevistas sociolinguísticas realizadas com doze informantes, seis homens e seis mulheres. As variáveis linguísticas utilizadas foram a posição da vogal (pretônica, tônica ou postônica) e classe morfológica dos vocábulos. As variáveis sociais foram o gênero, faixa etária (17 a 25, 26 a 50, acima de 51) e grau de escolaridade (analfabetos e alfabetizados até o ensino fundamental). Do total de 167 proparoxítonas, ocorreram 22% de síncope. Das variáveis testadas, percebeu-se que os mais velhos, bem como as mulheres, tendem a conservar as formas proparoxítonas. Também foi identificada maior incidência de redução nas proparoxítonas nos falantes mais escolarizados, fato esse

justificado pelos autores pela inserção da maior parte dos informantes no mercado de trabalho, o que os levaria a um grau de informalidade maior nas entrevistas.

Chaves (2011) analisou a síncope e a apócope em vocábulos proparoxítonos em um *corpus* de 102 entrevistas do banco de dados VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do País) com informantes de níveis primários de escolaridade. Os fatores que mais influenciaram o processo de síncope foram o contexto precedente e o contexto seguinte. Segundo a autora, o que propicia a síncope “é a possibilidade de a consoante que acompanha a vogal postônica não final ser integrada à sílaba posterior (ou anterior), após a queda vocálica, ocupando a posição de coda ou de ataque silábico...” (Chaves, 2015, p.152), ou seja, a síncope só ocorrerá devido a restrições universais e condições particulares de formação adequada de sílabas no português. Os fatores extralinguísticos (faixa etária, sexo e região) não se mostraram favorecedores neste trabalho, porém, a pesquisadora não atesta a irrelevância dessas variantes no processo da síncope.

Araújo (2012), num trabalho intitulado *A redução das proparoxítonas a partir dos dados do projeto atlas linguístico do Brasil*, analisou um *corpus* de fala de 200 informantes das 25 capitais brasileiras. Em cada localidade, 8 informantes foram divididos em duas faixas etárias (18 a 30 anos – 45 a 60 anos), sexo (masculino e feminino), escolaridade (até a 8ª série do ensino fundamental e ensino superior), somente levando em conta os condicionadores sociais. A partir do Questionário Fonético-Fonológico do AliB (Atlas Linguístico do Brasil), onze itens foram analisados (lâmpada, elétrico, fósforo, pólvora, abóbora, árvore, sábado, número, fígado, vômito, hospide). A análise estatística foi realizado com o software Goldvarb X a partir de 2156 dados, nos quais foram identificados 130 casos de síncope (6%). O fator que mais influenciou a redução de proparoxítonas foi a baixa escolaridade, o que, de acordo com Araújo, indica desprestígio da síncope.

Santana (2012) analisou a síncope em proparoxítonas no *corpus* do ALiMA (Atlas Linguístico do Maranhão) em entrevistas baseadas em inquéritos de 44 informantes de dez municípios do estado, 40 falantes distribuídos entre sexo (masculino e feminino) e com ensino fundamental até a 4ª série e 4 informantes da capital, São Luis, com ensino superior. As variáveis independentes linguísticas utilizadas foram: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, traço de articulação da vogal, peso da sílaba e extensão da palavra. As variáveis extralinguísticas foram: sexo, faixa etária, localidade e escolaridade. A análise estatística foi realizada com o software VARBRUL. O autor chegou aos seguintes resultados: é o contexto fonológico a variável mais significativa para realização do fenômeno,

pois somente ocorreu apagamento onde há possibilidade de ressilabação, ou seja, onde surge um ataque complexo ou uma coda bem formados; a escolaridade foi relevante, visto que é a responsável pela consciência do falantes diante das formas sincopada consideradas desprestigiadas.

Araújo e Lopes (2014) analisaram dados do Atlas Linguístico do Pará (ALisPA) a fim de estudar o apagamento das proparoxítonas. A partir dos pressupostos da sociolinguística variacionista foi feita uma coleta de dados de 40 informantes por meio de questionário e foram retirados os seguintes vocábulos proparoxítonos (árvore, sábado, hóspede, fígado, vômito, único, lâmpada, elétrico, fósforo, pólvora, número e abóbora). As variáveis independentes utilizadas foram: frequência de uso, extensão da palavra, item lexical, sexo, localidade e faixa etária. Nas 454 ocorrências de proparoxítonas, houve 12% de apagamentos. As variáveis que mais influenciaram o apagamento foram: a frequência de uso (quanto menos frequente, mais síncope); a palavra “árvore” foi a mais apagada; a localidade foi relevante, pois as cidades com menores índices de desenvolvimento apresentaram mais apagamento.

Araújo, Almeida e Santos (2014) investigaram a síncope nos dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos, por meio de dados de fala de 100 informantes e da análise de cinco vocábulos: cálice, clavícula, óculos, pérola e útero. As variáveis independentes contexto fonológico precedente e seguinte, classificação lexical, extensão da palavra, item lexical, sexo, escolaridade e área geográfica foram controladas pela a análise. Dos 164 dados, houve 79% de síncope em proparoxítonas. Os itens mais relevantes para o processo selecionados pelo Goldvarb X foram os contextos fonológicos precedentes, lateral [l] e oclusiva [t], e o seguintes, lateral [l], bem como a classificação lexical, na qual as palavras mais usuais demonstraram mais apagamento.

Chaves e Silva (2014) analisaram a síncope e o alçamento em proparoxítonos que apresentam a vogal /o/ postônica não final. Foram analisadas 14 entrevistas sociolinguísticas da comunidade de Rincão Vermelho/RS estratificadas em relação ao sexo (feminino e masculino), escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e faixa etária (15 a 35, 36 a 47 e acima de 58). Como variáveis linguística foram considerados os ambientes precedente e seguinte à vogal /o/. Foram identificados 269 proparoxítonas com ocorrência da síncope em 11% dos dados. Após a análise estatística, concluiu-se que: o ambiente anterior favorece o processo quando composto de um segmento labial e o ambiente seguinte favorece quando apresenta as consoantes líquidas /l/ e /r/; das variáveis sociais, a escolaridade foi a mais relevante, pois, segundo as autoras, a síncope é um fenômenos estigmatizado, o que

provoca a diminuição do seu uso pelas pessoas mais escolarizadas.

Gomes (2015) apresenta uma análise comparativa entre a redução de vogais postônicas não finais da fala fluminense e da fala lisboeta. A pesquisadora utilizou quatro acervos: NURC-RJ (Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), composta por informantes cariocas de nível superior completo; PEUL (Programas de Estudos sobre o Uso da Língua) limitado à capital do estado; APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro), composto por dados de fala de pescadores de 13 comunidades do norte e noroeste fluminense, todos homens, alfabetizados ou com até a quarta série do ensino fundamental e Concordância (Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias). Todo esse acervo foi resultado de 136 entrevistas do tipo DID (Diálogos entre Informante e Documentador), que resultou em 3316. Após análise estatística, os resultados apontam duas tendências de apagamento particulares: os três acervos com dados fluminenses constatarem baixa aplicação e porcentagens semelhantes, o que contrasta com o último acervo de Lisboa/Oeiras que apresenta altos níveis de síncope. A autora apresenta as variedades mais significantes para cada acervo. Porém, ela constata que o papel do contexto adjacente é fundamental para a ocorrência da síncope, de acordo com a hipótese dos contextos favoráveis à ressilabificação; por isso, ela afirma que no contexto precedente a hipótese é confirmada ao constatar que as oclusivas, fricativas e nasais apresentaram maior significância de síncope por formarem um ataque complexo no onset da sílaba posterior. Com relação ao contexto seguinte, a hipótese também se confirma, pois as líquidas laterais e vibrantes favoreceram o apagamento a fim de formar ressilabificações. No que concerne às variáveis sociais, Gomes afirma que, no NURC, os mais jovens favoreceram o processo; no PEUL, os homens mais velhos favoreceram a síncope; no APERJ, os analfabetos realizaram mais a síncope; e no *corpus* Concordância não houve significância das variáveis sociais. Por fim, a autora afirma que nos dados do português europeu, os condicionadores sociais não foram significativos porque o processo de enfraquecimento das vogais átonas (alteamento), generalizou-se socialmente e, por isso, não gera estigma social, favorece o apagamento das átonas e, por conseguinte, a síncope.

Rodrigues (2015) faz uma descrição fonética e uma análise acentual do português europeu alentejano, no litoral sul de Portugal. O autor parte de uma análise fonológica métrica e autosegmental em um *corpus* formado por alentejanos de idade avançada não escolarizados ou com baixa escolarização. As hipóteses confirmadas de que existe um padrão paroxítono nas falas desses indivíduos decorre de três fenômenos que transformam a estrutura fonológica:

inserção de [i] após consoante soante (mar[i]); a metátete de [j] em estruturas de hiatos postônicas (histó[i]ra); e a queda da vogal postônica em proparoxítonas.

Sob à luz da fonologia métrica desenvolvida por Hayes (1995), Bisol (1992) e Weltzels (1992), Silva (2015) discute síncope em proparoxítonos, no dialeto da cidade de Sapé, interior da Paraíba. Seu objetivo é discutir a reestruturação dos pés em nomes a partir do pressuposto de que a sílaba no português brasileiro tende a se estruturar em troqueus binários, da direita para a esquerda, e que o peso silábico deve ser levado em consideração nesse processo. Ao analisar seus dados a escansão a partir do troqueu silábico (que não consideram pesos para as sílabas) e do troqueu mórico (que considera o acento para a sílaba mais pesada), o autor afirma que o primeiro é mais adequado para explicar a síncope. O estudo conclui que, assim como pesquisas anteriores, a síncope em proparoxítonas ocorre em consonância com princípios e leis fonotáticas na língua, porém, ademais, essa reestruturação dos pés que faz o acento proparoxítono passar a proparoxítono confirma o que outros autores defendem, que o português brasileiro é sensível ao peso silábico em não verbos e sua estruturação é apresentada em pés binários trocaicos, de forma que a regra do acento primário leva em conta o peso silábico.

Mota (2017) estudou a síncope em proparoxítonas no estado de Alagoas. A pesquisa faz parte do projeto ‘Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL’, cujo principal objetivo é a constituição de um banco de dados de falares alagoanos. Utilizou-se o método da sociolinguística variacionista (cf. Labov, 1972), por meio da análise de dados de fala espontânea de 24 participantes da cidade de Maceió/AL e 24 participantes da cidade de Arapiraca/AL, das quais foram retiradas 296 ocorrências de proparoxítonas, as quais compuseram o *corpus*. As ocorrências foram analisadas acusticamente com o auxílio do software PRAAT. Foram consideradas como variáveis independentes linguísticas a ressilabação, o traço [± baixo] da vogal medial e a estrutura da sílaba que pode sofrer a síncope. Como variáveis sociais, foram considerados o gênero, a faixa etária, a escolaridade e a cidade. Para a análise estatística, utilizou-se o modelo de regressão logística com o auxílio do software R. Concluiu-se que o apagamento da vogal medial não é influenciado pela possibilidade de ressilabação, a estrutura CCV (Consoante, consoante e vogal) dificulta o apagamento da vogal; o apagamento é foneticamente condicionado: vogais mais fechadas são mais apagadas e os homens favorecem o processo.

Por fim, observamos nessa diversificada revisão de literatura uma gama de pontos de vista acerca do tratamento das proparoxítonas e do apagamento da vogal medial. Quase todos



os estudos desta revisão trata a síncope por um vies variacionista (apontam a escolaridade como fator social preponderante, visto que menos estudo formal leva à produção de formas sincopadas consideradas estigmatizadas) e por uma perspectiva das fonologias não lineares que apontam o apagamento da vogal medial devido a um contexto que favorece essa redução ao provocar novas ressilabações. Um trabalho que distoa da maioria é o estudo de Meireles e Barbosa (2009) que, por levar em conta uma perspectiva teórica diversa, assumem o gesto como unidade de análise e assumem que não há apagemnto, mas uma sobreposição da vogal medial devido a taxas de elocuições mais rápidas o que faz o ouvinte perceber uma redução nos proparoxítonos.

Em relação às pesquisas sociolinguísticas variacionistas, percebemos a diversidade de fatores testados na análise quantitativa divididos entre os de âmbito linguístico e os de âmbito social. Dentre os primeiros, dois demonstraram-se os fundamentais para a explicação da queda medial: o contexto fonológico seguinte e o contexto fonológico precedente, visto que a possibilidade de ressilabação após a queda da vogal medial depende dos segmentos ocupados nesses contextos (cf. Sessão 3.3.1). Dentre os fatores sociais testados, o grau de escolaridade foi o de maior relevância para a síncope, pois grande parte dos autores consideravam a síncope como um fenômeno estigmatizado, logo, os informantes com maior grau de instrução formal tenderiam a evitá-la, já que a escola é tomada como uma instituição social que privilegia as variantes prestigiosas.

Diante disso, seguiremos nosso embasamento e comparações com nossos resultados por meio dos trabalhos que tratam a síncope por um viés variacionista, buscando relacionar, quando possível, aos trabalhos que buscaram outro modelo teórico ou outra abordagem em suas pesquisas para tratar as proparoxítonas.

### 3. ASPECTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentaremos os aspectos teóricos que norteiam nossa pesquisa: a sociolinguística variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 1968[2006] e Labov, 1972[2008]) e as fonologias não lineares: abordagem em moldes silábicos (Selkirk, 1982, Bisol, 2013; Collischonn, 2014) (para compreender a estrutura da sílaba em português e os fenômenos fonológicos que a atingem); a fonologia autosegmental (Goldsmith, 1976; Hora, 1990; Bisol, 2014) (que aborda o segmento de modo independente e de forma a relacionar-se com os segmentos vizinhos por meio de espriamento a fim de entendermos alguns apagamentos em contextos específicos); e a fonologia métrica (Liberman e Prince, 1977; Halle e Vergnaud, 1987; Hayes, 1991, 1995; Bisol, 1992, 2002) (Bisol utiliza essa teoria a fim de explicar o fenômeno da síncope no português brasileiro).

A seguir, iremos percorrer e explicar acerca das bases teóricas utilizadas na seguinte ordem: os fundamentos da sociolinguística, o sistema vocálico do português brasileiro sob ótica da fonologia autosegmental, os pressupostos da teoria silábica nos moldes de Selkirk (1982) e, por último, a fonologia métrica e seus fundamentos com ênfase nos dados do português.

#### 3.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A relação entre linguagem e sociedade é claramente constatada, visto que a linguagem é considerada como a base da constituição do ser humano. No início do século XX, período em que a linguística é delimitada como ciência por Ferdinand de Saussure em seu clássico *Curso de linguística geral*, já se notam observações a respeito do caráter social da língua. Ademais, encontramos diversos autores que tratam dessa relação e que, atualmente, são considerados referências nos estudos linguísticos. Assim, temos: Antoine Meillet (1906), que afirma que a linguagem é um fato social; Mikhail Bakhtin (1929), quem estabelece a interação verbal como realidade fundamental da língua; Roman Jakobson (1960), que identifica os fatores constitutivos do ato de comunicação verbal; Émile Benveniste (1963), que prediz que linguagem e sociedade se interligam mutuamente.

No ano de 1964, aconteceu, na Universidade da Califórnia, um congresso no qual se reuniram diversos estudiosos que buscaram fixar e delimitar áreas específicas de estudos que abordassem a relação linguagem e sociedade. Dentre esses autores estava William Labov, que em seu clássico livro *Sociolinguistic Patterns* (1972), propõe um método de trabalho que

busca levar em conta a fala, desprestigiada até aquele momento pelos teóricos estruturalistas e gerativistas, e o comportamento social dos falantes. O linguista introduz um termo para retratar a ciência linguística realizada nas últimas décadas, o *paradoxo saussuriano*, com o intuito de criticar os métodos empregados por estruturalistas e gerativistas. O *paradoxo saussuriano* traz a contradição de que o ângulo social da língua é discutido pela análise de qualquer indivíduo, porém o aspecto individual somente é estudado pela análise da língua em seu ambiente social.

Labov apresenta quatro problemas levantados por seus predecessores que impossibilitariam o estudo da fala. São eles: a agramaticalidade da fala cotidiana, a variação na fala e na comunidade de fala, as dificuldades de ouvir e gravar e a raridade das formas sintáticas. O autor busca revolver esses problemas da seguinte maneira: (1) afirma que as falas dos indivíduos são gramaticais e bem formadas sob quaisquer critérios a partir de estudos empíricos; (2) desmitifica a ideia de que a língua é corrompida e afirma uma das principais premissas da sociolinguística – a língua é naturalmente heterogênea; (3) com a evolução da tecnologia dos gravadores, é mais fácil obter dados de amostra de fala em ambientes naturais, devendo o pesquisador buscar ambientes silenciosos e/ou encurtar a distância entre a boca do informante e o microfone; (4) na última problemática, o autor afirma que é papel do pesquisador se engajar em uma conversa normal com o informante a fim de buscar a elicitación espontânea por parte dos falantes dos dados que busca.

Ao fixar que é possível estudar a fala de forma sistemática e científica, Labov delimita os seguintes axiomas metodológicos da sociolinguística: a alternância de estilos, já que inexiste falante de estilo único; a atenção prestada à fala; o vernáculo, “estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244); formalidade que o falante confere à fala mais do que o mínimo de atenção; e bons dados gravados em entrevistas individuais. O cerne das entrevistas sociolinguísticas deve ser o vernáculo e, para obtê-lo, Labov chama atenção para o chamado *paradoxo do observador* – “como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemáticas” (LABOV, 2008, p. 244). É nesse momento que o autor sugere que, na conversa com os informantes, o pesquisador questione sobre fortes emoções do passado ou perguntas que envolvem “risco de vida”. De acordo com o autor, o vernáculo é o maior objeto de pesquisa sociolinguística por ser adquirido na infância e ser mais regular do que outros estilos de fala, logo, encontra-se mais sujeito às dinâmicas da variação que podem conduzir a futuras mudanças.

Labov estabeleceu algumas premissas importantes para essa nova abordagem teórico-metodológica. Nessa perspectiva, a língua é tomada como um sistema dotado de variação constituída por um conjunto de regras categóricas e variáveis. As regras variáveis apresentam formas variantes, que seriam as diferentes formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto (por exemplo: óculos ~ oclus). Reunidas, tais formas formam uma variável que são mais ou menos usadas a depender do ambiente linguístico e extralinguístico cabendo ao pesquisador sociolinguista apropriar-se de técnicas quantitativas para observar a regularidade dessas variantes e buscar relacioná-las aos fatores condicionadores. Tais condicionadores podem ser de ordem linguística, como os níveis lexical, fonético, morfológico, sintático e discursivo; ou de ordem extralinguística, como geográfico, social ou estilístico. Ou seja, fatores que mostram algum tipo de influência sobre a variação linguística, o que nega o conceito estruturalista de *variação livre* e dá base ao postulado sociolinguístico de *heterogeneidade ordenada*.

Além disso, a Sociolinguística busca provas empíricas para explicar como a estrutura linguística se transforma no curso do tempo real enquanto a língua dessa comunidade permanece sistematicamente ordenada. Uma boa pesquisa sociolinguística busca delimitar uma comunidade de fala, escolher uma variante para estudo, definir os grupos de fatores condicionadores que podem influenciar o uso dessa variante baseados em uma boa revisão de literatura, buscar a formulação de questões e hipóteses para guiar o trabalho, coletar e quantificar as ocorrências, buscar analisar os dados quantitativamente e por meio de descrição e análise dos resultados.

Em relação às mudanças linguísticas, Weinreich, Labov e Herzog no livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (1968 [2006]) explicitam cinco problemas empíricos que o pesquisador deve responder em uma pesquisa sociolinguística de caráter diacrônico: (1) o problema da restrição, que busca investigar o conjunto de mudanças possíveis e de condições para que essas mudanças só ocorram em dada estrutura; (2) o problema do encaixamento, que busca investigar como as mudanças estão encaixadas na estrutura linguística e social; (3) o problema da transição, que busca investigar como as mudanças passam de um estágio a outro; (4) o problema da avaliação, que busca investigar a atitude subjetiva e consciente dos falantes em relação às formas linguísticas em variação/mudança; (5) o problema da implementação, que busca investigar os fatores que implementam a mudança. Por fim, para responder a essas questões, é necessário tomar ciência de que nem todas são possíveis de serem respondidas totalmente, pois o pesquisador deve ter

em mente que as mudanças linguísticas são contínuas e uma mudança contínua pode constituir o início de uma nova mudança.

### 3.2 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O intuito desta seção é apresentar uma descrição do sistema vocálico do português brasileiro sob o viés autosegmental. Inicialmente, a fonologia autosegmental trabalha com o entendimento de autosegmento, isto é, uma fonologia não-linear que assume camadas multinível e que cada segmento permite uma segmentação independente. (MATZENAUER, 2014; CRISTÓFARO-SILVA, 2017)

Camara Jr. (2017 [1970]) foi um dos primeiros estudiosos a dissertar a respeito do vocalismo do português. Em relação às vogais, o autor afirma que podemos defini-las com base em um critério fonético “como um som, produzido pela ressonância bucal, onde a corrente de ar passou livremente” (Camara Jr, 2017: 37). Com base nisso, o autor apresenta a descrição do sistema vocálico do português, propondo que a classificação das vogais como fonema tem de partir da posição tônica. Para Camara Jr., as vogais postônicas não finais são conforme apresentado no quadro abaixo:

**Quadro 1: vogais postônicas não finais dos proparoxítonos**

<b>Altas</b>	/u/		/i/
<b>Média</b>		/../	/e/
<b>Baixa</b>			/a/

**Fonte: Camara Jr. (2017)**

No Quadro 1, Camara Jr. apresenta as vogais mediais nos vocábulos proparoxítonos. Essas vogais encontram-se entre a sílaba tônica e a sílaba átona final. O autor destaca a respeito dessa classificação:

Nas vogais médias não finais depois de vogal tônica (a primeira postônica dos proparoxítonos) há a neutralização entre /o/ e /u/, mas não entre /e/ e /i/. Aí a grafia entre /o/ e /u/ é uma mera convenção da língua escrita, pois o que se tem, na realidade, é /u/ [...] Ao contrário, há distinção entre /e/ e /i/, embora seja difícil encontrar pares opostos mínimos. (Camara Jr, 1970 [2017]: 44)

A fonologia autosegmental representa as distinções de altura das vogais por meio de traços de abertura conforme o quadro abaixo:

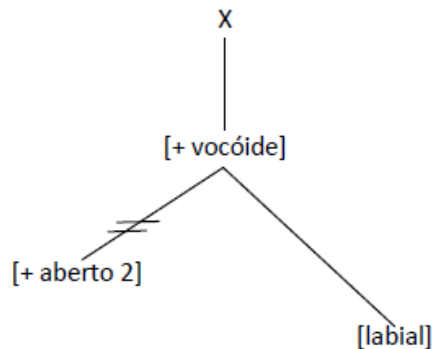
**Quadro 2: sistema vocálico pela fonologia autosegmental**

Abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
Aberto 1	-	-	-	+
Aberto 2	-	+	+	+
Aberto 3	-	-	+	+

Fonte: Wetzels (1992)

Wetzels (1993) propõe uma regra de neutralização da vogal postônica não final por meio do enfoque autosegmental que atinge as vogais [o] e [u] que estiverem na borda direita de um pé métrico como em *abób[u]ra*, regra formalizada na imagem seguinte:

**Figura 2 - Neutralização da vogal postônica não final**



**FONTE: Bisol (2014)**

Podemos observar acima que o traço “aberto 2” é desligado deixando de opor as vogais [u] e [o] que só se distinguem pela abertura positiva desse traço, como observado no quadro 5. Assim, a oposição entre essas vogais se desfaz como na palavra *côm[o/u]do*. Battisti e Vieira (2014) também apontam essa neutralização entre vogais médias que não possuem o traço [labial] ocorrendo variação como em *hipót[e/i]se*.

Como exposto acima, a compreensão do sistema vocálico e da fonologia autossegmental é importante para entender os processos que atingem as vogais mediais e sua relação com o fenômeno da síncope em proparoxítona.

### **3.3 FONOLOGIA MÉTRICA**

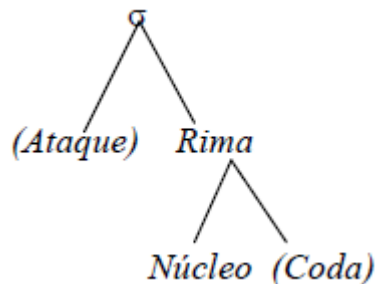
Nesta seção, iremos tratar acerca da fonologia métrica, que permite uma apresentação relacional (entre pares) e hierárquica das estruturas linguísticas, visto que essa teoria embasa a sílaba em uma nova proposta, rompendo com seu caráter linear antecessor (Kahn, 1976) e propõe uma relação de segmentos entre constituintes ordenados (SELKIRK, 1982). Com relação ao acento, nessa perspectiva, a fonologia métrica – diferente do modelo gerativo de Chomsky e Halle (1968) que atribuía o acento à vogal – apresenta o acento como uma propriedade da sílaba por um caráter relacional, ou seja, uma proeminência nascida entre dois elementos prosódicos, sendo um predominante ao outro. Dessa forma, iremos apresentar nas próximas seções a sílaba e o acento embasados na fonologia métrica, a fim de lançarmos luz à síncope em proparoxítonas e suas relações com a estrutura silábica e o acento.

#### **3.3.1 A SÍLABA EM PORTUGUÊS**

Nesta seção, veremos como a abordagem baseada em moldes silábicos de Selkirk (1982) explica a estrutura da sílaba e sua aplicação ao português brasileiro por Bisol (2013), observando os princípios e restrições na formação silábica e as possíveis consequências advindas da síncope.

A teoria em *templates* assume que a sílaba possui três níveis: a camada subjacente representada pelo símbolo  $\sigma$ , a representação abstrata da sílaba; a camada intermediária que representa os elementos CV (Consoante e vogal); e a última camada representada pelos segmentos sonoros que a compõem.

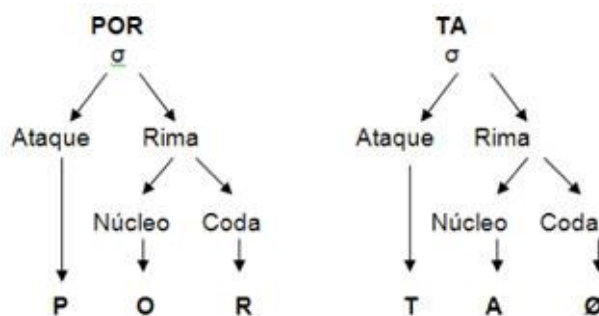
**Figura 3 - estrutura silábica**



**FONTE: Selkirk, 1982**

Como podemos observar pelo exemplo acima formalizado, o primeiro constituinte da sílaba é o *ataque* e o segundo a *rima*, de acordo com o padrão CV. A *rima* é composta de um *núcleo* e de uma *coda*. O único constituinte obrigatório na formação silábica nesse modelo fonológico é o núcleo, este projeta a rima e a rima projeta a sílaba. A partir dessa estrutura esquelética básica da sílaba, passemos para os elementos permitidos para formar o molde silábico do português. Bisol (2013) expõe o seguinte modelo:

**Figura 4 - Constituintes silábicos do PB.**



**FONTE: Amaral et al. 2011.**

Diante dessa estrutura, as seguintes afirmações são postas: a sílaba no português tem estrutura binária bem como o *ataque* e a *rima*; a *rima* é um constituinte obrigatório, o *núcleo* sempre é uma vogal e a *coda* sempre é uma soante ou /S/; o *ataque* possui no máximo dois constituintes dos quais o último é uma soante não nasal /r/ ou /l/.

Bisol (2013) descreve os princípios universais que embasam a silabificação e a ressilabificação à luz da fonologia métrica. São apresentados cinco princípios, a saber:



Princípio de Sequenciamento da sonoridade (PSS), Princípio da preservação de Estrutura (PPE), Princípio da Maximização do Ataque (PMA), Princípio do Licenciamento Prosódico (PLP) e Princípio da Integridade prosódica (PIP).

O Princípio de Sequenciamento de Sonoridade (PSS) pressupõe a sonoridade para os constituintes silábicos a partir da Escala de sonoridade de Clements (1990), que afirma sonoridade crescente no *ataque* e decrescente na *coda*.

### Figura 5 - Escala de sonoridade

Vogal	>	Líquida	>	Nasal	>	Obstruente
3		2		1		0

**FONTE: Clements (1990)**

De acordo com a escala acima, quanto maior valor numérico tiver um segmento, maior sua perceptibilidade, ou seja, a perceptibilidade é uma característica da sonoridade. Ademais, retomando a silabificação, que a autora define como um mapeamento da cadeia de sons de acordo com o padrão canônico CV, os segmentos candidatos devem obedecer a essa escala: sonoridade crescente em direção ao pico (núcleo) e decrescente a partir dele. Logo, a silabificação da palavra *aptidão* não pode ser escandida como *\*a.pti.dão*, somente como *ap.ti.dão*, pois os dois segmentos proibidos da primeira formação possuem o mesmo grau de soância.

O Princípio de Preservação de Estrutura (PPE) (Kiparsky, 1982) garante que o processo de silabificação e ressilabificação somente ocorra respeitando os princípios e as restrições fonotáticas, isto é, somente ocorre a formação de sílaba ao serem preenchidas as condições de ataque e de rima permitidas na língua portuguesa.

O Princípio de Maximização do Ataque (PMA) estabelece que línguas que maximizam o ataque desenvolvem, inicialmente, nos seus constituintes, o estabelecimento do núcleo, o ataque e, somente por fim, a coda. Esse princípio é controlado tanto pelo PSS quanto pela condição de ataque que será exposta mais adiante.

O quarto princípio é o Licenciamento Prosódico (PLP) que prediz que todas as unidades fonológicas devem pertencer a unidades mais altas. Assim, segmentos devem pertencer a sílabas, sílabas a pés, pés a palavras fonológicas. Se esse segmento não estiver nessa cadeia de pertenças, será apagado ainda no nível lexical. Logo, todos os sons devem ser silabificados.

O último princípio apresentado pela autora é a Integridade prosódica (PIP) que afirma que as estruturas métricas básicas são preservadas no processo derivacional, ou seja, o núcleo da palavra é intocável e somente os segmentos flutuantes são passíveis de serem ressilabificados.

Para finalizar a abordagem métrica no que concerne à constituição silábica, Bisol apresenta as condições de língua particular, isto é, as restrições fonotáticas que argumentam em favor da hipótese de que a sílaba apresenta dois constituintes e esses são estabelecidos para a Condição de boa formação: Condição de Ataque e Condição de Coda.

A condição de ataque prediz que o ataque silábico é iniciado pela consoante mais à esquerda. Essa afirmação é sustentada pela constatação da produção da fala de crianças na fase de aquisição, que iniciam produzindo o padrão CV, e, somente depois, passam para a estrutura CCV. Além disso, o ataque compreende no máximo dois elementos de modo que sejam produzidos ataques complexos bem formados em relação às condições. Na língua portuguesa, as condições fonotáticas que regem as boas formações de ataques silábicos são as seguintes:

**Quadro 3 - ataques complexos permitidos em língua portuguesa**

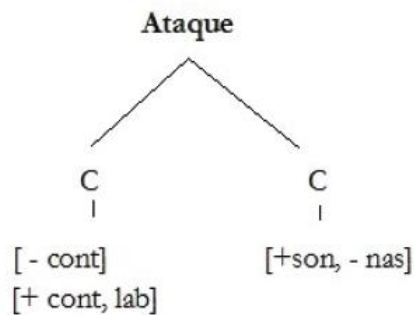
pr	<b>prato</b>	pl	<b>plátano</b>	fl	<b>flanco</b>
br	braço	<b>bl</b>	bloco	<b>fr</b>	franco
tr	trato	<b>tl</b>	atlas	<b>vl</b>	-
dr	drama	<b>dl</b>	-	<b>vr</b>	livro
kr	cravo	<b>kl</b>	clamor		
gr	grama	<b>gl</b>	glosa		

**Fonte: Bisol (2013)**

Assim, diante desse quadro, a seguinte estrutura da Condição Positiva do Ataque Complexo é formada:

### Figura 6: Condição positiva do ataque complexo

Condição Positiva do Ataque Complexo



**FONTE: Collischon (2014)**

Em relação à condição da coda, esse preenchimento só ocorre por qualquer soante (com exceção do /ʎ/) e por /S/. É importante ressaltar que as soantes e o segmento /S/ é incorporado à coda como na separação silábica de *is.ra.el*, na qual o /S/ é devidamente incorporado, o que não pode ocorrer com a palavra *apto*, na qual uma vogal epentética deve ser inserida entre as consoantes a fim de formar uma nova sílaba: *a.pi.to*.

Apresentamos aqui uma série de princípios e restrições que regulam os constituintes silábicos por meio de distintos graus de sonoridade a fim de satisfazer essas estruturas silábicas. Essa explanação acerca da estrutura silábica foi necessária com o intuito de entender o apagamento gerado no meio dos vocábulos proparoxítonos e os processos desencadeados por ele.

Bisol faz uma constatação importante acerca de um princípio acima exposto: *o princípios de preservação de estrutura está desativado no pós-léxico*. Tomemos como exemplo a palavra proparoxítona *época*. Na análise de Mota (2017), tal palavra sofreu um apagamento da vogal pós-tônica não-final *o*, o que acarretaria na ressilabação *ep.ca*. Contudo, essa nova constituição de sílabas viola os princípios supracitados, mas como sua formação ocorreu em nível do pós-léxico, esses princípios já estão desativados e padrões como o mostrado acima são formados.

Assim, por estarmos tratando de variação fonética, ou seja, formas superficiais, estamos no nível do pós-léxico quando as regras acima já foram aplicadas e os resultados dos apagamentos resultam de um regra fonética, como explicita Bisol: (2014, p. 89)

Tanto no léxico quanto no pós-léxico, existem regras que preenchem vazios e regras que mudam estrutura. As primeiras são preservadoras; o problema reside nas regras

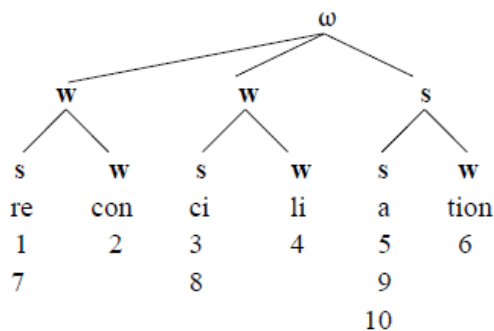
que mudam estruturas que, se forem cíclicas, portanto lexicais, não podem criar segmentos novos, mas se forem pós-lexicais podem criar alofones. (BISOL, 2014, P. 89).

### 3.3.2 O ACENTO NA FONOLGIA MÉTRICA

Nesta seção, abordaremos o tratamento que a fonologia métrica dá ao acento e sua aplicação ao português. É importante entender como o acento relaciona-se com a síncope devido à redução da proparoxítona a paroxítona.

A fonologia métrica lida com os fenômenos suprasegmentais, sobretudo a atribuição do acento no nível da palavra. Na aplicação de seu estudo, o acento é representado em diagramas de árvores ou grades e sua predominância ocorre devido à relação binária que as sílabas estabelecem umas com as outras quando dispostas em sequências, nas quais uma das unidades é denominada forte (*strong*) e a outra fraca (*weak*), predominando o acento na sílaba com maior rótulo de *strong*.

Figura 7: Representação do acento em grade métrica (Halle e Vergnaud, 1987) e “árvore” (Lieberman e Prince, 1977).



FONTE: Bisol (2014)

Na imagem acima, observamos que as sílabas são divididas em pares de constituintes possuindo um dos pares como forte e outro como fraco, essa identificação ocorre pela indicação das letras *s* ou *w* ou somente pelo número embaixo da par forte. Após a divisão dos pares de constituintes, um dos pares é marcado para receber a dominância do acento na palavra, onde repousa o acento do léxico.

Assim, temos a atribuição do acento em um caráter relacional, ou seja, uma proeminência que surge entre as relações dos elementos prosódicos: sílaba, pé e palavra

fonológica. Nas próximas seções, iremos retomar esses conceitos para postular a regra de acento das proparoxítonas de Bisol e a regra de síncope que ocorre com esses vocábulos.

### 3.3.3 O ACENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, abordaremos o acento na teoria métrica e sua interpretação no português brasileiro.

O acento é um elemento que se sobrepõe ao segmento atribuindo-lhe características como intensidade, altura e duração, logo, o acento é denominado de suprasegmento, já que não se apresenta linearmente no sintagma. No português brasileiro, diversos autores buscaram estudar, generalizar e atribuir regras ao acento. Dentre essas generalizações, Collischon (2014) resume algumas observações a respeito do acento na língua portuguesa de aplicação geral: só pode cair sobre uma das três últimas sílabas da palavra; o acento predomina sobre a penúltima sílaba quando a palavra for terminada em vogal; o acento recai sobre a última sílaba quando a palavra for terminada em consoante.

A hipótese do molde trocaico baseia-se na fonologia métrica e é a adotada nesta pesquisa, que postula constituintes binários com proeminência entre si organizados hierarquicamente baseados na abordagem silábica em moldes silábicos (Selkirk, 1982). Nessa abordagem, as sílabas pesadas (sílabas com rimas ramificadas sejam terminadas em consoante ou em ditongos) tendem a atrair o acento. Nessa proposta, algumas palavras que recebiam o acento em sílabas leves e sílabas do radical, como as proparoxítonas, tiveram outra postulação proposta por Bisol (1992) por meio da regra de extrametricidade, isto é, a última sílaba dos vocábulos proparoxítonos torna-se invisível à organização fonológica. Assim, o caráter binário do molde trocaico é preservado. Essa atribuição será explicada na próxima seção.

Primordialmente, é necessário explicitar alguns conceitos básicos para entender a atribuição do acento de acordo com a fonologia métrica surgida por meio dos trabalhos de Liberman (1975) acerca do acento e entonação do inglês; sua implementação por análise ocorreu nos trabalhos de Liberman e Prince (1977), Selkirk (1980) e Hayes (1981, 1982). Antes, o acento era tratado pela teoria clássica do *Sound Patterns of English* que considerava o acento uma propriedade da vogal a partir de traços binários do tipo [+ac] e [-ac]. A grande diferença trazida pela fonologia métrica é que o acento passou a ser entendido como o

resultado de uma estruturação hierárquica dos constituintes prosódicos por meio da ordenação sílaba, pé e palavra.

O objetivo central da fonologia métrica é desenvolver ou aplicar um modelo para explicar o sistema acentual de uma determinada língua. Assim, as análises mais utilizadas recentemente para o português brasileiro baseiam-se nas premissas de Hayes (1995) ao propor um modelo paramétrico por meio de um pequeno conjunto de constituintes chamados de pés métricos – troqueu silábico, troqueu moraico e iambo. Abaixo esses pés são exemplificados:

Figura 8: Troqueu silábico

Troqueu Silábico  $\rightarrow$   $\begin{matrix} (x & .) \\ \sigma & \sigma \end{matrix}$

FONTE: Silva (2006)

O troqueu silábico é um pé com predominância sempre à esquerda independente do peso silábico, ou seja, é um constituinte binário insensível ao peso da sílaba. Está representado na Figura 8 tendo o símbolo (X) como o cabeça do constituinte e o símbolo  $\sigma$  como representação silábica.

Figura 9: Troqueu mórico

Troqueu Mórico  $\begin{matrix} (x & .) & & (\underline{x}) \\ \underbrace{\quad} & \underbrace{\quad} & & \underbrace{\quad} \\ | & | & & \wedge \\ \mu & \mu & & \mu \quad \mu \end{matrix}$

FONTE: Silva (2006)

O troqueu mórico, igualmente binário e de cabeça à esquerda, é um constituinte sensível ao peso silábico. Seu nome advém da unidade relacionada com a duração de segmento denominada por mora e tendo como representação o símbolo  $\mu$ . Uma mora representa uma unidade de peso, assim, uma sílaba leve porta uma mora e uma sílaba pesada porta duas moras. As sílabas leves são representadas na ilustração pela bráquia  $\underbrace{\quad}$  e as sílabas pesadas pelo mácron  $\overline{\quad}$ .

Figura 10: Iambo

Iambo      ( : x)                      (x)

FONTE: Silva (2006)

Por fim, o pé com predominância à direita e com no máximo duas sílabas em sua composição é denominado de iambo. Esse pé pode ser constituído eventualmente por uma sílaba leve e outra pesada. A seguir, iremos descrever duas propostas de generalizações do padrão acentual do português brasileiro baseadas na fonologia métrica.

Bisol (1992) foi a precursora ao utilizar a teoria métrica para explicar a acentuação no português. A seguir, iremos retratar duas regras que ela explicitou para acomodar a acentuação na língua portuguesa e como ela encaixou as proparoxítonas e a síncope na teoria utilizada.

A autora, pautada no modelo de Halle e Vergnaud (1982), explicita a atribuição do acento primário lexical em português utilizando-se da noção de peso silábico e pé métrico da seguinte forma:

(1) Regra do acento primário

Domínio: a palavra

- i. Atribua um asterisco (\*) à sílaba pesada final, i.é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não-iterativamente) com proeminência à esquerda, de tipo (\*.), junto a borda direita da palavra.

Posteriormente, Bisol (2002) reformula a regra acima embasada em Hayes (1995) assumindo o domínio da regra em palavra lexical e a aplicação ciclicamente em não verbos e não cíclica em verbos. Assim, a regra apresenta-se reformulada:

(2) Regra do acento primário

Domínio: palavra lexical

- i. A aplicação cíclica em não verbos; não cíclica em verbos.

- ii. Forme um troqueu mórico se a palavra acabar em sílaba ramificada.
- iii. Nos demais casos, um troqueu silábico, não iterativamente, da direita para a esquerda.

Bisol (2002, p. 108) exemplifica essa regra nos seguintes exemplos:

**Figura 11: exemplos de regras de acento**

a.	po.mar (*) ( *)	ca.fé (*) ( *)	na.riz (*) ( *)	pe.rau (*) ( *)	Troqueu Mórico Regra Final
b.	al.to (* .) (* )	car.tei.ro (* .) (* )	ca.sa (* .) (* )	pa.re.de (* .) (* )	Troqueu Silábico Regra Final
c.	li.der <μ> (* .) (* )	ca.rá.ter <μ> (* .) (* )	lá.pis <μ> (* .) (* )	ho.mem <μ> (* .) (* )	Extrametricidade Troqueu Silábico Regra Final
d.	a.bó.bo.ra <σ> (* .) (* )	pé.ta.la <σ> (* .) (* )	ró.tu.lo <σ> (* .) (* )	Ró.mu.lo <σ> (* .) (* )	Extrametricidade Troqueu Silábico Regra Final
e.	fós.fo.ro <σ> (* .) (* )	lâm.pa.da <σ> (* .) (* )	ver.ti.ce <σ> (* .) (* )	pór.ti.co <σ> (* .) (* )	Extrametricidade Troqueu Silábico Regra Final
f.	can.tá.va.mos <σ> ∅ (* .) ( *)	can.tas <σ> ∅ (* .) (* )	can.tei <μ> (* ) ∅ (* )	can.tou <μ> (* ) ∅ (* )	Extrametricidade Troqueu Mórico Troqueu Silábico Regra Final

**FONTE: Bisol (2002)**



A autora, diante dessas reformulações, afirma que a síncope em proparoxítonas decorre da aplicação da regra geral expressa sob a aplicação da extrametricidade. Assim, a síncope “apaga o elemento fraco de um pé métrico, independentemente de o acento incidir em sílaba leve como em *abóbora* ou pesada como em *fósforo*” (BISOL, 2002, p. 109). Desse modo, a linguista formula a seguinte regra para o apagamento da postônica não final:

**Figura 12: regra da síncope em proparoxítonas**

Síncope

$\sigma \rightarrow \emptyset / (* \_ ) \sigma ]$  não verbos

**FONTE: Bisol (1992)**

Leia-se: apague a sílaba que ocupa a posição fraca de um pé, quando seguida de outra sílaba à fronteira de uma palavra. A autora acrescenta que esse fenômeno é antigo na língua mantendo-se vivo até hoje e caracteriza-se por estabelecer elos entre as diferentes etapas da língua.

Sumariamente, Bisol (2002) apresenta duas regras baseadas em modelos teóricos diferentes. Na perspectiva de Halle e Vergnaud, o acento é atribuído por peso inerente à sílaba ramificada final e, nos demais casos, pela formulação de um constituinte binário de cabeça à esquerda, não iterativamente, a partir da direita. Na proposta de Hayes, o acento é atribuído por um troqueu mórico se a palavra terminar em sílaba pesada e, nos demais casos, um troqueu silábico sem iteratividade a partir da direita respeitando *Elsewhere Condition* (a regra mais complexa é aplicada primeiramente). As oxítonas são incluídas na regra de Bisol por meio do recurso da postulação de uma consoante abstrata, percebida por meio de derivação, como na palavra *café* > *cafeteira*. Dessa forma, Bisol argumenta que a aplicação da regra de acento é insensível à categoria lexical (nomes e verbos) e possui sensibilidade ao peso silábico no sistema acentual do português. Bisol defende a extrametricidade fonológica para nomes e morfológica para verbos.

#### 4 METODOLOGIA

Abordaremos, nesta seção, os aspectos metodológicos que guiaram esta pesquisa por meio das seguintes etapas: seleção da amostra, métodos de coleta, seleção, transcrição e

análise do *corpus* sob um viés estatístico e sociolinguístico e o detalhamento das variáveis que serão investigadas em nossa análise.

#### **4.1 PORTAL (Variação Linguística no Estado de Alagoas)**

O projeto PORTAL (Variação Linguística no Português Alagoano) tem como objetivo a construção de um banco de dados de falares alagoanos de forma a permitir o desenvolvimento de pesquisas linguísticas nas mais diversas áreas que consideram a língua em uso como objeto de análise. A metodologia utilizada é a da sociolinguística variacionista. As entrevistas tem duração entre 10 e 15 minutos e são gravadas, preferencialmente, na residência de cada um dos informantes, posteriormente a um contato inicial estabelecido por alguém conhecido do pesquisador ou do informante.

O banco de dados do PORTAL, (OLIVEIRA, 2017), aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas, parecer nº 621.763, e com financiamento do CNPq (406218/2012-9), abrange as três mesorregiões<sup>1</sup> do estado: leste, agreste e sertão. As gravações foram coletadas nas seguintes cidades: Arapiraca, Capela, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios, Penedo, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares. A amostra utilizada nesta pesquisa é composta de 216 informantes, 24 de cada cidade.

As entrevistas foram transcritas ortograficamente utilizando-se o software PRAAT com intervalos separados por pausa (silêncio maior do que 250ms). As entrevistas foram realizadas com um gravador Tascam DR-100 MKII, microfone headset omnidirecional NADY HM-10 e a seleção das proparoxítonas foi realizada pelo método de localização e realce do Microsoft Word para, logo após, ser criado o banco de dados no Microsoft Excel. A análise ocorreu com a delimitação dos correlatos acústicos no espectograma a fim de observar o apagamento ou a manutenção de segmentos em proparoxítonas. Por fim, a análise estatística foi feita utilizando-se tabelas de contingência e modelos de regressão logística. O teste utilizado para as variáveis independentes foi o **teste da razão da máxima verossimilhança**. (cf. seção 4.3).

#### **4.2 COMUNIDADES DE FALA**

O conceito de *comunidade de fala* foi apresentado por Labov como “um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008, p. 188). Vejamos a seguir a descrição sumária das comunidades de fala investigadas nesta pesquisa.

Arapiraca é a segunda cidade mais populosa do Estado e pertencente à mesoregião do agreste alagoano com população estimada em 234. 185 (estimativa do IBGE para 2017) sendo 84% vivendo em zona urbana. Na década de 1970 tinha grandes áreas de plantação de fumo, atualmente há grande diversificação na economia com destaque para os serviços. Teve seu povoamento na primeira metade do século XIX, mas só foi elevada à categoria de município em 1924. Possui um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,649 (considerado “médio” pelo IBGE) e renda média mensal de 1,7 salários mínimos.

Capela tem sua história relacionada à construção de uma pequena igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição passando pelos títulos de povoado, vila até ser elevada à categoria de cidade em 1919. Localiza-se na mesoregião do Leste alagoano. Tem população estimada em 17. 591 com taxa de urbanização de 74%. A maior parte de sua economia advém dos serviços. Seu IDH é de 0,573 (baixo)

Delmiro Gouveia tem seu nome originado de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia que se estabeleceu na região em 1903 antes a cidade era denominada de Pedra, devido às grandes rochas juntas da estrada de ferro. Com grande capacidade empreendedora, Delmiro Gouveia urbanizou e diversificou a economia e, em 1952, teve seu nome homenageado. A cidade localiza-se na mesoregião do sertão alagoano e possui cerca de 57. 597 habitantes com taxa de urbanização de 72%. Sua economia está atrelada aos serviços e indústria com maiores participações. Possui o IDH de 0,612 (médio) e renda média mensal de 1,7 salários mínimos.

Maceió, por ser capital do Estado, é a cidade mais populosa e industrializada, pertence à mesoregião do Leste alagoano. Tem origem em um antigo engenho de açúcar com povoação desde o século XVII elevando-se à cidade em 1839. Sua população é estimada em 1. 005. 319 e taxa de urbanização de 99%. A participação dos serviços domina as atividades econômicas e, praticamente, é inexistente a agropecuária. Possui um IDH de 0,721 (considerado “elevado”) e renda média mensal de 2,7 salários mínimos.

Palmeira dos Índios teve suas terras ocupadas pelos índios Xucurus cercados por esbeltas palmeiras. Elevou-se à categoria de cidade em 1889 e, atualmente, possui população de 73. 725 habitantes com taxa de urbanização de 73%. Sua economia é movida a maior parte pelos serviços e em menor escala pela indústria. IDH 0,638.

Penedo, cidade histórica de Alagoas cuja origem e povoamento começou em 1560, no século XVII ganhou a denominação de Penedo do Rio São Francisco e elevada à categoria de

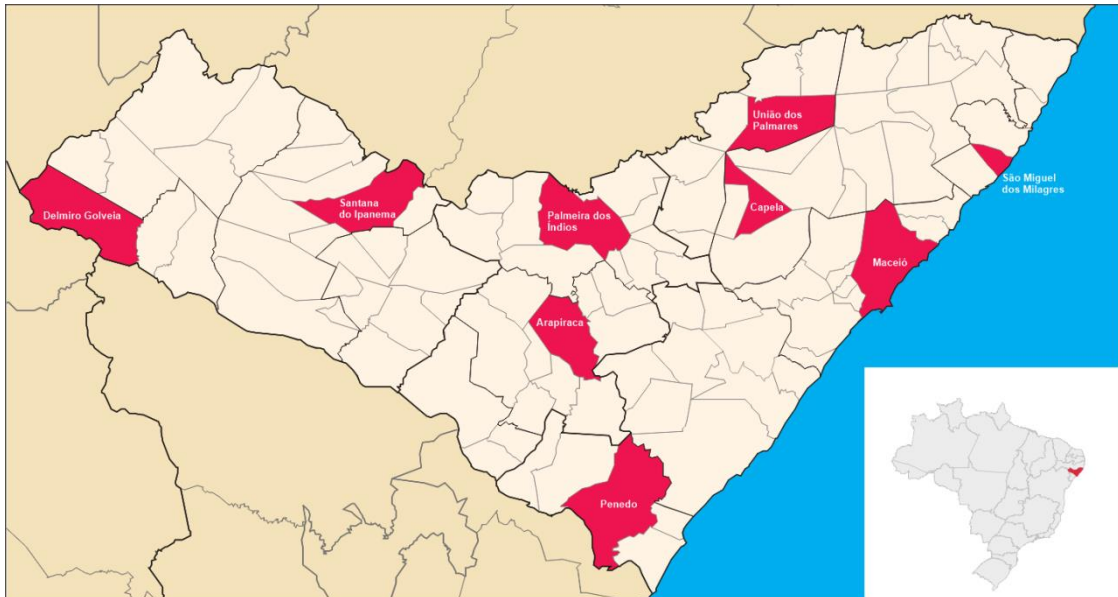
cidade em 1842. Possui grande patrimônio artístico-cultural de influência de vários colonizadores. Sua população atual é de 63 842 habitantes com taxa de urbanização de 74%. A economia da cidade vem em sua maioria de serviços, indústria e em menos parte da agropecuária. Possui IDH de 0,630 (médio).

Santana do Ipanema localiza-se na mesoregião do sertão alagoano e é povoada desde o século XVII por índios e mestiços, elevou-se à cidade em 1921. Seu nome origina-se do rio Ipanema, palavra indígena que significa – ruim, imprestável – e possui população atual de 48.232 e taxa de urbanização de 60%. Economia quase totalmente dominada pelos serviços. Seu IDH é de 0,616 (médio) e renda média mensal de 1,7 salários mínimos.

São Miguel dos Milagres é um dos núcleos populacionais mais antigos iniciado durante a invasão holandesa. Ganhou esse nome, pois, segundo relatos, um pescador encontrou no mar uma imagem de São Miguel Arcanjo e, posteriormente, ficou curado de uma ferida em sua perna. A população atual da cidade é de 8.022 habitantes com taxa de urbanização de 31%. Sua economia vem em maior parte dos serviços e em menor parte da indústria e da agropecuária. É uma cidade localizada na mesoregião do Leste alagoano (litoral norte) e possui potencial turístico com grande movimentação de pessoas na época de verão. Possui um de IDH 0,591 (baixo) e renda média mensal de 1,8 salários mínimos.

União dos Palmares teve início com o chamado povoado dos “Macacos” no século XVII e em 1889 elevou-se à cidade como o nome de Nova Imperatriz somente em 1944 ganhou o nome atual por servir de elo entre as estradas de ferro de Alagoas e Pernambuco. Localiza-se na mesoregião do Leste alagoano em uma região serrana. Sua população atual é de 66.447 habitantes com taxa de urbanização de 76%. Economia dominada por serviços e em menor parte por indústrias e agropecuária. IDH 0,600 (médio) e com renda média mensal de 1,6 salários mínimos.

**Figura 13 – Cidades pesquisadas**



**FONTE: Variação Linguística no Português Alagoano - PORTAL**

### **4.3 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS**

#### **4.3.1 VARIÁVEL DEPENDENTE**

A variável dependente desta pesquisa é o fenômeno da síncope em proparoxítonas, cujas variantes são: não apagamento da vogal postônica medial e o apagamento da vogal postônica medial. Devido à diversidade de apagamentos encontrados nas proparoxítonas, optamos por agrupar certas realizações e excluir outras, procedimento que será mais bem esclarecido na seção 5.1. Além disso, devido à presença de outros processos de redução que ocorrem nas sílabas mediais com ataque complexo, analisaremos somente a sílaba medial com estrutura CV.

#### **4.3.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS**

##### **4.3.2.1 Estrutura da sílaba sincopada**

Partimos da hipótese de que o ataque complexo (CCV) desfavoreceria a síncope em proparoxítonas, conforme demonstrado em Mota (2017). Dessa forma, a escolha dessa variável deu-se com o intuito de averiguar a influência do ataque simples (CV), como em *pérola*, ou complexo (CCV), como em *fábrica*, no apagamento ou manutenção dos segmentos mediais.

#### 4.3.2.2 Acento inicial da palavra seguinte

Esperamos que as proparoxítonas não sofram interferências a depender do tipo de acento (tônico, átono ou em final de sentença) da sílaba inicial, visto que, de acordo com quase toda a literatura, com exceção de Meireles e Barbosa (2009), a síncope ocorre devido a processos no interior do vocábulo, não necessariamente ligados ao ritmo da fala. Desse modo, podemos encontrar três condições das proparoxítonas na sentença: seguida por acento tônico (análises **clínicas**, AR20M14); seguida por acento átono (ouvi muita música **religiosa**, AR40M15); e em final de sentença (era tipo **chácara**, AR43F08).

#### 4.3.2.3 Número de sílabas pretônicas

Partimos da premissa de que quanto maior a proparoxítona maior a possibilidade de ocorrência de síncope. Respaldamo-nos em Chaves (2011) e Gomes (2015), cujos trabalhos trouxeram resultados que apontam para esse caminho. Assim, essa variável independente foi dividida do seguinte modo: (0) sem pretônicas como em *máquina*; (1) uma pretônica como em *turístico* e (2) duas pretônicas como em *matemática*.

#### 4.3.2.4 Tipo de vogal medial

Nossa hipótese é a de que vogais mais fechadas (i/u), por possuírem três valores negativos, favorecem o processo de redução. As características das vogais postônicas mediais foram significativas em trabalhos como os de Fernandes (2007) e Mota (2017), que apontaram essas vogais como favorecedoras do processo, e Lima (2008), que apontou as vogais labiais /o,u/ como favorecedoras.

#### 4.3.2.5 Ressilabação

Nossa hipótese é de que são possíveis casos de apagamento da sílaba medial em ambientes não propícios a rressilabação. Por exemplo, o apagamento da vogal *u* na palavra *vínculo* é permitido por formar uma nova sílaba *vin.clo*. Porém, a redução da vogal *i* na palavra *rápido* não seria favorecida por gerar sílabas não comuns/permitidas no português *\*rap.do*. As pesquisas de Araujo et al. (2008), Lima (2008), Ramos e Tenani (2009), Araújo, Almeida e Santos (2014), Chaves (2011), Santana (2012), Chaves e Silva (2014), Gomes (2015) e Silva (2015) defendem que a síncope em proparoxítonas só ocorre mediante o respeito aos princípios e restrições fonotáticas da língua portuguesa, ou seja, a possibilidade após o apagamento do segmento flutuante se rressilabificar com a sílaba anterior ou posterior produzindo um ataque complexo ou uma coda ramificada respectivamente. Desse modo, a variável rressilabação visa a averiguar se o segmento flutuante integrou-se com a sílaba tônica (música ~ mus.ca), com a sílaba átona (árvore ~ ar.vre) ou se apagou em contextos inibidores (época ~ ep.ca).

#### **4.3.2.6 Apagamento da sílaba final**

Nossa hipótese é a de que processos de apagamentos na sílaba final não interfeririam na síncope, já que esses processos, como a degeminação e a apócope, são influenciados por outros condicionadores.

### **4.3.3 VARIÁVEIS INDEPENDENTES SOCIAIS**

#### **4.3.3.1 Sexo/Gênero<sup>1</sup>**

Nossa hipótese é a de os homens favoreçam a síncope, como constatados em outros trabalhos em nossa revisão de literatura e com base nas afirmações de Labov (1972 [2008]). Labov (1972 [2008]), baseado em outros trabalhos que levam essa distinção, afirma que “as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos [...] as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais” (LABOV, 2008, p. 282) e essa diferença é “[...] uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro” (LABOV, 2008, p. 348 – 349). A variável sexo/gênero foi relevante no trabalho de Mota (2017), Lima (2008) e Gomes (2015), com destaque para os homens, que favorecem a redução das proparoxítonas.

#### **4.3.3.2 Faixa etária**

Nossa hipótese é de que a diferenciação de idades não influencie na síncope, visto que outros fatores sociais podem ter maior influência, sobretudo a escolaridade. A variável Faixa Etária permite, geralmente, verificar um estágio em que uma regra variável encontra-se naquela comunidade e é um indicativo também de mudança linguística. Labov (2008) [1972] acrescenta que “[...] o processo regular de mudança sonora pode ser isolado e registrado por observações através de duas gerações” (p. 194), o que o autor chama de estudo do tempo aparente. Nosso estudo constitui-se em uma pesquisa em tempo aparente, visto que examinamos o processo da síncope em diferentes faixas etárias. Embora grande parte dos trabalhos acerca da síncope não atestem essa variável como significativa e/ou aponta uma mudança em progresso, pesquisas como Bueno e Carvalho (2010) apontaram idosos com os

---

<sup>1</sup> A designação gênero tem sido preferida nas últimas décadas emergida dos estudos das ciências sociais a qual diferencia “sexo” como atributo biológico e “gênero” como atributo sociológico, cultural, psicológico e ideológico socialmente construídos.

maiores índices de manutenção das proparoxítonas. Gomes (2015), pelo fato de ter utilizado *corpus* diferentes, ora em uma amostra os jovens sincoparam mais, ora em outra amostra os idosos realizaram mais a supressão.

A estratificação da faixa etária foi feita da seguinte forma:

- a) 18 a 35 anos
- b) 40 a 55 anos
- c) acima de 60 anos

#### **4.3.3.3 Escolaridade**

Esperamos que quanto menos estudo formal tivesse o indivíduo, menor seria a possibilidade de ocorrer a síncope. A variável Escolaridade merece uma atenção especial, já que é a que mais influencia a síncope em quase todos os trabalhos apresentados. Muitas dessas pesquisas atribuem à síncope um caráter estigmatizado, por isso, quanto maior a escolaridade do indivíduo maior sua percepção das variante estigmatizadas e, conseqüentemente, menor sua utilização. Por outro lado, informantes com baixa escolaridade não possuem consciência dessa atribuição de valores e tendem a utilizar mais o processo de apagamento. É importante ressaltar que a escola exerce um processo de normatização de uso para as variantes mais prestigiadas – no nosso caso as formas não reduzidas de proparoxítonas. Devido à formação histórica brasileira e do pouco acesso à educação formal, são nos diferentes graus de instrução que se percebe as maiores diferenças no uso de variantes com valorização social distinta. Essa variável está estratificada em dois grupos: até 9 anos de estudo e acima de 11 anos de estudo.

- a) Até 9 anos de estudo
- b) Acima de 11 anos de estudo

#### **4.3.3.4 Cidade**

A variável cidade diz respeito à variação diatópica. Acreditamos que essa variação não seja influenciada por localidade, mas atribuída a outros fatores de ordem social, como a escolaridade. Lima (2008) apontou, dentre os dois municípios investigados, o menos urbanizado como o maior favorecedor do processo. Assim, como o espaço geográfico é um dos mais perceptíveis da variação linguística, justificamos a inclusão desta variável. Serão



analisadas 9 cidades alagoanas, cada qual com suas características socio-culturais.

#### **4.3.3.5 Indivíduo e Item lexical**

O indivíduo e o item lexical serão analisados como variáveis agregadas. Esse controle permite avaliar o quanto da variação nas proparoxítonas pode ser explicado em nível individual e de modo diferente em itens lexicais.

Essas variáveis controlam o efeito de superestimação na variação, isto é, quando um ou alguns indivíduos ou itens lexicais específicos apresentam uma taxa bastante elevada de realização de síncope, levando a uma falsa interpretação dessa variação na comunidade em estudo.

O controle desses níveis agregados na variável multinível permite, também, evitar discrepâncias geradas pelos indivíduos ou pelos itens lexicais, quando, por exemplo, somente um indivíduo executa em excesso a regra variável interferindo no resultado geral. O mesmo ocorre com o item lexical, quando esse repete-se em excesso e superestima a análise geral.

### **4.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA**

Os modelos quantitativos que se adequam aos estudos da linguagem advêm da denominada regra variável (Labov, 1969), que cria regras “opcionais” quantificadas ao associar cada regra linguística (variantes) a uma probabilidade de uso nos possíveis contextos de produção que a influenciam. Assim, a variação linguística captada por modelos quantitativos permite ao pesquisador “apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística.” (GUY E ZILLES, 2007, p. 73)

Nesta pesquisa, a análise estatística realizou-se com o auxílio do Software R. Utilizaremos para análise quantitativa métodos inferenciais (probabilidade dedutiva) que incluem tabelas de contigências (descrição e distribuição dos fatores das múltiplas variáveis), testes univariados e multivariados e métodos de regressão multinível.

Após a seleção das variáveis independentes (cf. seção 4.3.3), produzimos as tabelas de contigências e o teste univariável de qui-quadrado. As tabelas possibilitam uma observação geral das produções da variável dependente por célula separada, ou seja, uma combinação

possível de “contigência” por fator dentro de cada grupo de fatores. Conforme Oushiro “[...] o primeiro passo de uma análise estatística é tabular e visualizar os dados” (OUSHIRO, 2017, p. 23), uma forma de verificar a presença ou ausência de ortogonalidade, isto é, os dados devem estar distribuídos de modo mais ou menos uniforme, evitando células vazias.

O teste qui-quadrado é uma análise univariada e um instrumento de comprovação dentro do contexto da chamada hipótese nula. Tal hipótese prediz que a relação entre variáveis independentes e variável dependente decorre de um equívoco de amostra e variação aleatória, por isso o teste qui-quadrado visa negar essa hipótese e afirmar que existe influência das variáveis independentes na variável binária.

A regressão logística multinível foi realizada utilizando-se o pacote ‘lme4’, do R. Utilizamos o teste da Razão da Máxima Verossimilhança (TRMV), o teste de Wald (TW) e o teste de Tukey para identificar as variáveis independentes estatisticamente significativas produzindo sua hierarquização por meio da significância estatística, a fim de obter o menor e melhor modelo compostos pelas variáveis independentes que ajudam a explicar o fenômeno estudado, no nosso caso, a síncope em proparoxítonas. O melhor modelo busca alinhar-se ao princípio epistemológico da parcimônia, isto é, a explicação científica de um fenômeno composto de poucos motivadores.

De acordo com Oliveira (2012), o TRMV faz parte do método *step-up* (forward) como alternativo dos métodos *stepwise* dos programas como Varbrul e GoldvarbX que realizam a seleção e a hierarquia das variáveis independentes de forma automática. Nesse teste, compara-se dois modelos: o primeiro é inserido todas as variáveis do estudo e no segundo modelo retira-se, uma a uma, a fim chegar-se às variáveis com significância estatística menor que 0,05.

O TW identifica fatores que apresentam efeitos estatisticamente diferentes da média dos efeitos dos fatores de uma variável independente por meio da significância estatística entre fatores no interior da variável. Na próxima seção, iremos trazer os dados e a interpretação desses resultados sob a base teórica sociolinguística e as correntes fonológicas já citadas. O Teste de Tukey, que analisa a significância da diferença entre os efeitos dos fatores em uma variável independente.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como já exposto nesta dissertação, a síncope em proparoxítonas é um processo identificado no português tanto em suas fases mais antigas quanto na contemporaneidade. Quando o fenômeno ocorre, a proparoxítona apresenta uma redução por meio de apagamentos vocálico ou silábico no interior da palavra. Nesta seção, iremos abordar e discutir os resultados da análise estatística para os grupos de fatores linguísticos e sociais que podem influenciar no fenômeno aqui discutido.

Em nosso *corpus* composto por falas espontâneas, identificamos 1.991 proparoxítonas nos dados de 216 informantes. Grande parte dos trabalhos que analisamos na revisão de literatura apresentam somente a síncope da vogal medial nas proparoxítonas. Ao analisarmos os dados, entretanto, verificamos que há outros tipos de apagamento envolvendo esse tipo de item lexical. Iniciamos nossa análise pela identificação dos diversos tipos de apagamentos encontrados em nosso *corpus* tanto em segmentos vocálicos quanto em segmentos consonantais – representados pelos símbolos V e C respectivamente. Vejamos a tabela a seguir:

**TABELA 1 – Variantes das proparoxítonas**

Variantes	Total	Exemplos
0 (sem apagamento)	800 44,4%	bêbado chácara
C1V1 (Apagamento da sílaba medial)	9 0,5%	plástico ['plasku] horóscopo [o'rosɔ]
C1V1C2V2 (Apagamento de ambas as sílabas átonas)	5 0,03%	mínimo ['mĩ] exército [e'ze]
C2V2 (Apagamento da sílaba final)	24 1,3%	grávida ['gravi] música ['muzi]
V1 (Apagamento da vogal medial)	714 39,6 %	época ['epkɐ] capítulo [ka'pitlu]
V1C2V2 (Apagamento da vogal medial e sílaba final)	93 5,2%	ótimo ['ot] título ['tit]
V1V2 (Apagamento das vogais medial e final)	104 5,8 %	prática ['pratɕ] época ['epk]
V2 (Apagamento da vogal final)	52 2,9%	sábado ['sabad] música ['muzik]
<b>Total</b>	<b>1.801</b>	

**Fonte: dados elaborados pelo autor/2019**

Como podemos observar, há uma diversidade de supressões fonéticas às quais as proparoxítonas estão sujeitas. O apagamento V1 (vogal medial) é o de maior quantidade, com

714 supressões de vogais mediais. Esse é o fenômeno da síncope propriamente dito, no qual a vogal medial é apagada, como nos exemplos das palavras capítulo ~ [ka'pitlɔ], onde a síncope ocorre em um contexto favorável a ressilabação e na palavra época ~ ['ɛpkɛ], onde o ambiente linguístico circundante não favorece contexto propício a ressilabação, mas o fenômeno ocorre. (cf. seção 3.3.1).

Os tipos de apagamentos V2 (vogal final) e C2V2 (sílabas finais) são denominados de apócope, pelo qual a vogal e/ou a sílaba final é suprimida. Em nosso *corpus* tivemos um total de 76 palavras somente com apagamentos finais. Como nas palavras sábado ~ ['sabad] e grávida ~ ['gravɪ]. Esse fenômeno será explicado na seção posterior.

Um outro tipo de apagamento também considerado como síncope, mas que ocorreu somente em oito dados é o tipo C1V1 (sílabas mediais), como nas palavras plástico ~ ['plaskɔ] e elástico ~ [ɛ'laʃkɔ]. Esse tipo de supressão é influenciado, acreditamos, pelo alto índice de palatalização do /s/ em coda interna diante de oclusivas em Alagoas que será explicado na próxima seção.

A variante V1V2, que apresenta apagamento das vogais medial e final, apresentou 104 casos em palavras do tipo prática ~ ['pratɕ] e época ~ ['ɛpk]. Apesar de haver apagamento da vogal final, esses casos, possivelmente, são de elisão ou degeminação que são influenciadas pelo contexto posterior, optamos por classificar essa variante como síncope, visto que ocorre o apagamento da vogal medial.

O mesmo raciocínio do parágrafo anterior aplica-se ao apagamento V1C2V2 (vogal medial e sílabas finais), como nas palavras ótimo ~ ['ot] e título ~ ['tit]. A consoante da sílaba medial é preservada, mas todos os segmentos posteriores a ela são suprimidos, consequentemente, a vogal medial está incluída.

A variante C1V1C2V2 é um apagamento mais radical nesses vocábulos, pois todos os segmentos átonos foram apagados, a exemplo das palavras mínimo ~ ['mĩ] e exército ~ [e'zɛ]. Esse fenômeno, possivelmente, é influenciado por outros fenômenos fonológicos como haplogogia e casos de sândi externo. Contamos somente com cinco casos dessa variante, optando por excluí-los da análise estatística e analisá-los à parte.

As variantes C1V1 e C1V1C2V2, por possuírem poucos dados, serão explicadas nas próximas seções bem como os outros fenômenos fonológicos que ocorrem nesses dados.

No que concerne aos apagamentos de segmentos finais (V2 e C2V2), o que não classificam-se como síncope e são influenciados por outros processos fonológicos, decidimos pela criação de uma variável independente a fim de verificar se os apagamentos finais

influenciam na supressão das vogais mediais. Esses tipos de apagamentos não são exclusivos das proparoxítonas e foram retratados por Oliveira (2012). Esses fenômenos são conhecidos como elisão (apagamento de vogal final seguida por vogal diferente), como no exemplo “teve uma” ~ [te'vũmɐ] (p. 243); degeminação (apagamento de vogal final seguida por vogal igual), como no exemplo “falava alto” ~ [fa'la'vaʊto] (p. 234); e apócope (apagamento de vogal final seguida por pausa), no caso de “eu deixei para lá... nem falei [nad]” (p. 220).

### 5.1 C1V1 - Apagamento da sílaba medial

Nesse tipo de apagamento, oito casos foram registrados em nosso *corpus*. As palavras *horóscopo*, *próstata*, *hidrelétrico*, *plástico*, *elástico*, *turístico*, *exército*, *tínhamos* e *mística* compõe essa variante. Observemos os contextos nos quais essas palavras aparecem:

“eu não pode parecer que meio besta mas eu acredito nesses eu leio esses negócios de [o'rospɔ] não”. (FE29M02)

“que ele morreu de ['proʃtɐ]” (PS77F02)

“boliche de ['plɔʃkɔ]” (AR20M14)

“confeccionava até o [ɛ'laʃkɔ] a gente pegava” (SI40F15)

“postos [tu'riʃkɔ] (SM43M15)

“quando eu saí do [ɛ'zɛrtɔ] eu já era” (PV73M15)

“e nós ['tɪmɔs] gosto de ensinar também fazíamos tudo” (AR79F15)

“uma cidade pequena só tinha dois colégios o instituto São Luís e o Rosa ['miʃkɛ] colégio que vocês passara por ali” (AR87M15)

Ao observarmos a estrutura silábica da sílaba tônica, percebemos que na maior parte das palavras a coda é formada pelo segmento fricativo /S/. Esse arquifonema apresenta uma diversidade de realizações influenciadas por contextos linguísticos, sociais e dialetológicos. Callou, Morais e Leite (2013) traçam um mapeamento no Brasil do processo de palatalização do /S/ com dados do projeto NURC (Norma Urbana Culta). Nas cidades mapeadas, o processo de palatalização ocorre em índices superiores a 50% em cidades como Rio de Janeiro, Recife e Salvador.

Ao determos o olhar em estados como Paraíba e Alagoas, esse processo de palatalização em coda ocorre em contextos linguísticos mais específicos, como a presença de oclusivas dentais [t/d] no contexto fonológico seguinte, desencadeando esse fenômeno nesse contexto determinado.

Diante disso, percebemos um padrão na maior parte das palavras formadas por um contexto fonológico seguinte que influencia a palatalização do /S/ em coda interna. Assim,

acreditamos que a palatalização do arquifonema /S/ condiciona o apagamento da sílaba medial preenchendo seu tempo de pronúncia, visto que são segmentos contínuos e de tempo prolongado.

A explicação acima dá conta dos casos de palavras como *elástico*, *horóscopo*, *plástico*, *turístico* e *mística*.

O caso de *próstata* ~ *prosta* e *tínhamos* ~ *timos* configuram-se como casos de haplologia. Esse fenômeno foi estudado por Mendes (2009) e Oliveira (2012) no dialeto Mineiro e caracteriza-se pela supressão total ou parcial em uma sequência de duas sílabas cujas consoantes compartilham o ponto ou o modo de articulação, levando ao cancelamento da sílaba localizada a esquerda, ou seja, a primeira sílaba da sequência. Temos nos exemplos citados o apagamento da sílaba medial, visto que os ataques das duas sílabas finais que possuem o mesmo ponto alveolar e o modo oclusivo, no caso de *próstata* e o compartilhamento do modo nasal no caso de *tínhamos*.

## 5.2 C1V1C2V2 – Apagamento de ambas as sílabas após a sílaba tônica

Nessa variante, cinco casos foram identificados. As palavras *matemática*, *fantástico*, *grávida*, *elástico* e *Rosângela* formam essa tipologia. Iremos transcrever as sentenças nas quais essas proparoxítonas estão inseridas para, em seguida, abordar os processos fonológicos que ocorrem nesses vocábulos. A seguir, os vocábulos inseridos em suas sentenças:

matemática odeio [mate'ma] negócio de cálculo comigo. (CP32F09)

eu não perco meu tempo para assistir uma novela eu assisto [fantaʃ] dia de domingo. (FE44F02)

se você não está [gra] vai ficar agora. (FE48M02)

era o queimado e o [ε'las] que joga/ brincava mais. (PV30F04)

Rogéria [hozã] gente sempre teve. (UP40M17)

Como já exposto na seção anterior, diversos fenômenos como a elisão, a degeminação, o apócope e a haplologia explicam as reduções acima apresentadas. A haplologia é um processo fonológico que é aplicado no contexto de duas sílabas concomitantes que possuem o mesmo ponto ou o mesmo modo de articulação, sendo a que está localizada à esquerda apagada nesse processo. Conforme constatado em Oliveira (2012) “os processos de

apagamento da vogal antes de pausa (apócope) e consoante são parte de um mesmo processo de enfraquecimento de tais vogais, que faz com que vogais mais reduzidas foneticamente sejam mais apagadas.” (p. 272). Dessa forma, acreditamos que há o processo de atuação desses diversos fenômenos.

A constatação de Oliveira (2012) de que vogais mais reduzidas são mais apagadas, pode ser aplicada aos vocábulos *fantástico* e *elástico*, ambos terminados com a vogal átona [ɔ]. Com o apagamento da vogal, a consoante desassociada tende a ser apagada, pois os segmentos seguintes também são consoantes, dificultando o processo de ressilabação. As palavras *matemática*, *grávida* e *Rosângela* passam também pelo fenômeno do apagamento final, devido ao seu posicionamento.

Com o apagamento da sílaba final, motivado pelo enfraquecimento de segmentos finais, algumas palavras apresentam contextos favoráveis à haplologia por meio da sílaba medial. Dessa forma, as proparoxítonas *matemática*, *fantástico*, *grávida* e *Rosângela* apresentam contexto propício ao processo de haplologia, visto que as consoantes das sílabas mediais compartilham o mesmo ponto ou modo das consoantes da palavra seguinte.

Observemos esses contextos de compartilhamento: *matematinegócio[...]*, ponto dental e modo oclusivo; *fastastindia[...]*, ponto dental e modo oclusivo; *gravivai[...]*, ponto lábio dental e modo fricativo; *Rosangengente[...]*, ponto palatal e modo fricativo.

Encontramos nesses cinco casos de apagamento de sílabas átonas finais a atuação de outros processos fonológicos que também atingem as proparoxítonas, sendo favorecidos, sobretudo, pelo contexto posterior.

Assim, definimos mais uma vez o cerne desta pesquisa: a síncope das vogais mediais nas proparoxítonas, cujas variantes são a manutenção da vogal (0) e a síncope (1). Na variante 0, foram agrupados as seguintes realizações: a manutenção da proparoxítona, C2V2 (apagamento da sílaba final) e V2 (apagamento da vogal final). Na variante síncope foram agrupadas as seguintes realizações: V1 (síncope da vogal medial) V1C2V2 (apagamento da vogal medial e da sílaba final) e V1V2 (supressão das vogais medial e final).

### 5.3 AJUSTE DO MODELO DE REGRESSÃO

Das dez variáveis independentes analisadas neste trabalho, três não apresentaram significância estatística ( $\text{sig.} > 0,05$ ). No quadro abaixo, apresentamos a distribuição das variáveis sem significância estatística e o TRMV para tais variáveis.

**Tabela 2 - Variáveis sem significância estatística para a síncope nas proparoxítonas em Alagoas**

Variável	Total	% síncope	SigTRMV
Faixa de escolaridade			0,5431
<10 anos	678	57.7	
>10 anos	1110	49.4	
Posição			0,4429
Não final	1276	55.1	
Final	512	40.8	
Ressilabação			0,3304
Com a tônica	293	48.8	
Com a átona	95	43.2	
Não final	1400	52	
Ressilabação	1.788		

**FONTE: dados elaborados pelo autor/2019**

Como podemos constatar, as variáveis Escolaridade, Posição e Ressilabação não apresentaram significância estatística, ou seja, a probabilidade de que esses fatores influenciem o apagamento medial é mínima.

A constatação de que a escolaridade não interfere na síncope entra em discordância com quase todos os trabalhos da revisão de literatura, como nos estudos de Aragão (2000), Amaral (2002), Lima (2008), Araújo (2012), Santana (2012), Chaves e Silva (2014) e Gomes (2015). A hipótese dessas pesquisas é a de que quanto maior o nível de escolaridade, menor a incidência de síncope, pois as formas sincopadas seriam consideradas variantes desprestigiadas e, desse modo, indivíduos com mais estudo tenderiam a evitar o uso dessas variantes. Nossa análise diferencia-se das demais por dois aspectos: o controle do indivíduo como nível mais agregado e a análise acústica das ocorrências. Quando se controla o indivíduo, evitamos discrepâncias geradas entre eles, permitindo a explicação do quanto de variação pode ser explicada pela variabilidade entre indivíduos. Na análise acústica, percebemos, sobretudo, um grande número de apagamentos mediais em contextos não propícios, nem sempre perceptíveis na análise de oitiva, na qual a maioria dos trabalhos se baseia. Assim, os apagamentos mais evidentes são os mais perceptíveis aos indivíduos, os



apagamentos menos esperados podem ocorrer e não serem percebidos ou facilmente audíveis pelos informantes com menos ou mais escolaridade. Dessa forma, acreditamos que muitos apagamentos mediais não são perceptíveis aos informantes independentemente do nível de escolaridade.

A variável posição da proparoxítona, que pode ser encontrada no início ou meio da sentença, como na frase “*porque é o único momento que eu tenho*” (SM46F14) ou no final da sentença, como no exemplo “*terminamos se casando tão rápido*” (CP62M00), também foi considerada sem significância estatística. Isto é, a posição do vocábulo na sentença, na maior parte dos casos, não interfere no apagamento medial.

A variável Ressilabação também apresentou resultados divergentes em relação a outros estudos como Amaral (2002), Araújo et. al. (2012), Lima (2008), Ramos e Tenani (2009), Araujo, Almeida e Santos (2014), Chaves (2011), Santana (2012), Chaves e Silva (2014), Gomes (2015) e Silva (2015). Grande parte dos estudos da revisão de literatura convergem para a confirmação da hipótese de que a síncope só ocorre em contextos propícios à ressilabação, já que o elemento desassociado (a consoante), deveria associar-se à sílaba anterior, formando uma coda complexa (mú-si-ca ~ mus – ca) ou à sílaba posterior, formando um ataque complexo (ár-vo-re ~ ar-vre). Dessa forma, a defesa da ressilabação está de acordo com a teorias fonológicas da sílaba (Selkirk, 1980) defendida por Bisol (2013) e Collischon (2014) que respeitam os princípios e restrições fonotáticas da língua portuguesa.

O que constatamos nos dados aqui analisados é que o fenômeno de redução existe em contextos não propícios à síncope, como, por exemplo, nas palavras: *cerâmica ~ ceram.ca* (UP22F05), *didático ~ didat.ca* (CP43M18) e *época ~ ep.ca* (DE21F14). Com o apagamento da vogal medial nessas palavras, os contextos adjacentes não são propícios à ressilabação, porém isso não inibe o pagamento da vogal. Podemos concluir, com isso, que a origem das síncope nas proparoxítonas não está associado a princípios fonológicos e restrições fonotáticas do português, como afirmam outros estudos sobre o tema. A seguir, veremos que o processo tem motivação fonética, sendo fortemente influenciado por vogais altas.

Na tabela abaixo, analisamos a interação entre variáveis independentes sociais. O teste foi realizado conforme Oliveira (2012), procedimento no qual multiplicamos uma variável independente por outra e cria-se uma nova variável, a fim de testar sua significância. Vejamos abaixo os testes realizados e suas respectivas significâncias.

**Tabela 3 - Testes de interação entre variáveis sociais**

<b>Interações</b>	<b>Significância</b>
Faixa etária * sexo.gênero	0,01157
Cidade * faixa etária	0,1197
Faixa etária * escolaridade	0,1035
Cidade * escolaridade	0,2656
Cidade * sexo.gênero	0,4851
Sexo.gênero * Escolaridade	0,5169

**FONTE: dados elaborados pelo autor/ 2019**

Como exposto na tabela, houve interação entre as variáveis *faixa etária* e *sexo/gênero*. Na tabela abaixo, temos o modelo final de regressão logística multinível por ordem de significância. Vejamos:

**Tabela 4 - Modelo final com interação entre variáveis**

<b>Variáveis significativas</b>	<b>Significância</b>
Apagamento da sílaba final	2,424e-13
Acento	7,782e-08
Vogal	2,806e-07
Faixa etária*sexo	4,924e-06
Cidade	0,0003941
Pretônicas	0,01507

**FONTE: Dados elaborados pelo autor/ 2019**

A partir do modelo final, em ordem pelos fatores que mais influenciam a síncope em nosso teste, iremos discutir, na próxima seção, as variáveis significativas bem como a interação entre variáveis sociais apresentadas na tabela acima.

## 5.4 ANÁLISE DA SÍNCOPE VOCÁLICA

### 5.4.1 VARIÁVEL APAGAMENTO DA SÍLABA FINAL

A variável apagamento da sílaba final tem o objetivo de verificar se a supressão dos últimos segmentos dos proparoxítonos influencia no apagamento da vogal medial. Apesar de nenhum trabalho anterior investigar essa variável, observamos que sua significância foi a maior entre todas as variáveis analisadas, o que nos leva a crer que ela é fundamental para explicar a síncope da vogal medial nas proparoxítonas. Vejamos os resultados a seguir.

**Tabela 5 - Variável Apagamento final**

	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>	<b>Significância</b>
<b>Sílaba final</b>	122	79,5	0,71	<0,001

<b>Vogal final</b>	153	66	0,49	0,767
<b>Sem apagamento</b>	1513	47,2	0,30	<0,001
<b>Total</b>	1.788			

**FONTE: dados elaborados pelo autor/ 2019**

Observando a tabela anterior, vemos que quando os segmentos finais não são apagados, a vogal medial tende a ser preservada. Se a vogal final for apagada, há um aumento na probabilidade de ocorrência da síncope (PR =0.49). O apagamento da sílaba final favorece bastante a síncope (PR= 0.71). Vejamos alguns exemplos:

“se for um filme assim [ho'mãtk] que não tenha” UP53F04

“é o sexto e o [ 'setm]” AR22F06

“pessoa que tinha dois [ 'med]” DE65M03

“aí eu cheguei e disse rapaz que história é essa que você está [ 'grav]” FE48M02

Nos dois primeiros exemplos, temos os apagamentos das vogais mediais e finais, com a preservação da consoante da sílaba final. Acreditamos que o apagamento da vogal final relaciona-se a um processo fonético mais geral que apaga as vogais finais mais reduzidas foneticamente, como constatada na pesquisa de Viegas e Oliveira (2008), que apontam para um processo de redução e apagamento gradual de vogais altas por essas serem mais reduzidas foneticamente.

Esse processo de apagamento de segmentos finais foi descrito acima na pesquisa de Oliveira (2012), que afirma a tendência ao apagamento de vogais finais e os segmentos anteriores a essa vogal. Com a queda da sílaba final, a vogal medial passa a ser a última da palavra, também sendo atingida por esse processo de enfraquecimento e apagamento, o que acarreta em um efeito de cadeia.

Assim, afirmamos que o apagamento da sílaba final, com peso relativo de 0.71, é a que mais favorece o apagamento da vogal medial por tornar essa vogal em posição final sujeita aos processos de enfraquecimento e apagamento. O apagamento da vogal medial após tornar-se vogal final, insere-se no processo de apagamentos de vogais átonas finais relacionadas, sobretudo, ao tipo de vogal medial, as mais altas tendem a ser mais apagadas, resultados que serão tratados na seção a seguir.

#### 5.4.2 VARIÁVEL TIPO DE VOGAL MEDIAL

O objetivo de investigar esta variável é verificar quais são as vogais mais propensas ao apagamento. Na literatura, Amaral (2002), Lima (2008) e Gomes (2012) constataam as vogais labiais [o,u] como as mais favorecedoras do apagamento e as coronais [e,i] como as mais resistentes. A pesquisa de Fernandes (2007) trouxe as vogais [i,u] (i alta central bastante produtiva no português europeu) e Mota (2017) trouxe as vogais [i,u] como as mais suscetíveis à supressão. Na pesquisa de Araújo et. al. (2008), os autores, por meio do registro de proparoxítonas constatadas no *dicionário Houaiss da língua portuguesa*, indicam que a vogal [u] é a que apresenta maior contexto de apagamento e ressilabação permitida com taxa de 81% de ambientes favoráveis à ressilabação. Logo, nossa hipótese é de que as vogais mais reduzidas foneticamente [i,u], classificadas na fonologia autosegmental pelos três valores negativos (cf. seção 3.2), sejam as mais favoráveis à síncope. Vejamos os resultados:

**Tabela 6 – Variável tipo de vogal medial**

	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>	<b>Significância</b>
<b>u</b>	45	66,7	0,78	0,002
<b>i</b>	1060	48,4	0,64	0,003
<b>e</b>	59	35,6	0,43	0,445
<b>o</b>	462	68,4	0,33	0,042
<b>a</b>	162	19,8	0,31	0,008
<b>Total</b>	1788			

**FONTE: dados elaborados pelo autor/ 2019**

Os resultados apontam a vogal [u] como a maior favorecedora da síncope com peso relativo de 0.78 seguido da vogal [i] com peso relativo de .64. A vogal [a] é a mais resistente ao apagamento. O maior apagamento da vogal [u] converge com as pesquisas de Amaral, Lima, Gomes, Fernandes, Araújo et. al. e Mota, visto que apontam essa vogal como suscetível ao apagamento, apesar de utilizarem como embasamento a possibilidade de ressilabação. A segunda vogal mais suscetível é a vogal [i], o que diverge da maioria dos autores citados, muitos deles trazendo a informação de que essa vogal é uma das mais resistentes. Nesse momento, ressaltamos o caráter detalhístico deste trabalho por meio da análise acústica, visto que a classificação de presença ou ausência da vogal medial ocorreu por meio da identificação

formântica da vogal.

Somente a pesquisa de Fernandes trouxe a vogal alta central [i] como favorecedora do processo, porém, temos que levar em conta que seus dados refletem a prosódia do português europeu, caracterizado por ter muito mais apagamentos do que a variante brasileira. A autora chama atenção, em consonância com o que defendemos aqui, acerca da queda da vogal da penúltima sílaba e do que ela chama de “encontros consonânticos ilegítimos”, isto é, o encontro de consoantes após a síncope de segmentos não licenciados pelo PSS, como em *chávena* ~ [ˈʃavnɐ] e *flâmula* ~ [ˈflãmlɐ]. Assim, afirma que esses encontros ilegítimos desafiam e põem em questionamento os princípios fonológicos em causa.

Aqui, reafirmamos nossa hipótese inicial e nossa posição: a síncope em proparoxítonas tem mais relação com a qualidade da vogal do que com a possibilidade de ressilabação, como defendem a maior parte dos trabalhos. Defendemos que a síncope possui motivação fonética, ou seja, segmentos mais breves tendem a apagar mais, por isso o favorecimento das vogais altas (observando os valores do peso relativo). Barbosa e Madureira (2015) afirmam acerca dessas vogais átonas que “o ensurdecimento e a elisão de vogais altas [i ɪ u ʊ] são comuns em português brasileiro...” (p. 296), convergindo com o que afirmamos.

#### 5.4.3 VARIÁVEL ACENTO INICIAL DA PALAVRA SEGUINTE

A variável acento inicial da palavra seguinte tem o objetivo de averiguar a influência do acento após o vocábulo proparoxítono, o que se concretiza em três possibilidades: palavra seguinte iniciada por acento átono; palavra seguinte iniciada por acento tônico e proparoxítona em fim de sentença. Esperávamos que o acento não interferisse, pois, de acordo com a literatura, a síncope relaciona-se a motivações internas da palavra, não são necessariamente ligadas ao padrão acentual. Vejamos a tabela a seguir:

**Tabela 7 - Variável Acento inicial da palavra seguinte**

	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>	<b>Significância</b>
<b>Tônico</b>	519	55,7	0,58	<0,001
<b>Átono</b>	746	55,1	0,55	<0,001
<b>Nda</b>	523	40,5	0,37	<0,001

---

 1.788
 

---

**FONTE: Dados elaborados pelo autor/ 2019**

Como exposto na tabela acima, a síncope é favorecida pela presença de palavras seguintes ao observarmos o peso relativo. Não há diferença estatisticamente significativa entre “tônico” e “átono”<sup>2</sup>. A significância do teste de Tukey para a diferença entre Nda e átono foi 2. 04e- 05; para tônico e átono, 0.57 e para tônico e Nda, 1 e-05. Caso a palavra localize-se em final de sentença, representado na tabela pelo símbolo “Nda”, as chances são menores de ocorrer a síncope.

Collischon (2007) aborda o chamado acento frasal, isto é, “o acento mais forte de uma sequência de palavras” (p. 196), localizado mais à direita em uma sentença. Acreditamos que a síncope é favorecida pela posição do vocábulo na frase fonológica, ou seja, quando a proparoxítona localiza-se no meio da sentença, o acento frasal não recai sobre o vocábulo, mas quando essa palavra localiza-se em final de sentença, a proeminência acentual recai no vocábulo proparoxítono. A seguir, alguns exemplos de variantes retiradas de nosso *corpus*:

Lá na *época* gra assim na rua. (AR40F01)

Vai aquela [ˈɛpkɐ] mesmo eu estava nem aí... (FE29M02)

A *médica* explicou. (DE48F01)

A [ˈuotmɐ] cidade da Paraíba cada estado eu vinha um (CP68M00)

Eu sempre falava assim eu tenho minha mãe *biológica*. (DE65F03)

Olhe seu filho é muito estudioso principalmente na [mateˈmatkɐ]. (SI66M03)

Na pesquisa de Ramos e Tenani (2009), as autoras controlaram a alternância, binária e não binária, com o item proparoxítono inserido na frase entonacional, com intuito de observar as alternâncias rítmicas que se dão em constituintes maiores do que a palavra, como nos seguintes exemplos: [a **bela árvore**]φ [f**ica perto**]φ [d**este homem**]φ, alternância binária, isto é, a sequência canônica forte – fraca; [a **altíssima árvore**]φ [f**ica esplêndida**]φ [na **casa de Bárbara**]φ, alternância não binária, isto é, uma sequência forte – fraco – fraco. As autoras

---

<sup>2</sup> Realizamos o teste de Tukey para atestar esse resultado. O p-valor da diferença entre “tônico” e “átono” é de 0,57, o que indica que não há diferença estatisticamente significativa entre esses fatores.

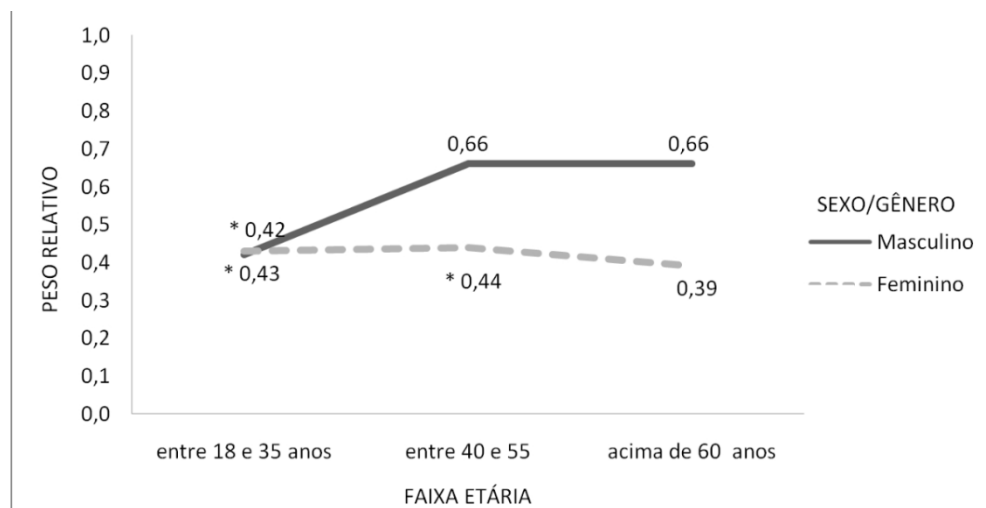
chegaram à conclusão de que as alternâncias métricas binárias e não binárias não influenciam o processo de síncope, com diferenças pouco significativas. Um dado interessante neste trabalho foi a explicação das pesquisadoras para a palavra *veículo*, a qual em uma informante ocorreu a síncope e em outra informante não ocorreu. As autoras atribuíram esse ocorrido a ênfase dada pela informante a essa palavra, pois localizava-se no final da sentença, recaindo sobre ela o acento fonológico. Assim, a que produziu a síncope expressou a palavra na sentença de forma neutra, e a informante que não produziu a síncope pronunciou a palavra com ênfase.

Fazendo um paralelo com nosso trabalho, presumimos que o desfavorecimento da síncope em final de sentença, ou seja, quando não há uma palavra seguinte no enunciado, ocorra por recair neste vocábulo o acento frasal, o que faz o informante empreender mais ênfase na proparoxítone, evitando sua redução.

#### 5.4.4 INTERAÇÃO FAIXA ETÁRIA E SEXO/GÊNERO

Como já exposto na seção anterior, há interação entre as variáveis independentes faixa etária e sexo/gênero. Observemos o gráfico abaixo:

**Figura 14 - Interação entre as variáveis faixa etária e sexo na síncope em proparoxítonas**



**FONTE: Dados elaborados pelo autor/ 2019**

Depreendemos do gráfico acima que a diferença entre mulheres de diferentes faixas etárias é muito reduzida, havendo uma leve curvatura de diminuição da faixa etária mais jovem para a faixa etária mais idosa. Com relação aos homens, há uma dessemelhança bastante perceptível da faixa etária dos jovens para a faixa etária dos adultos e idosos, esses dois últimos possuindo índices de síncope idênticos. Tentemos entender, embasando-nos em

Labov (2001) e na produção dos estudos mais recentes sobre síncope, a diferença entre mulheres e homens e a discrepância entre os grupos mais jovens e mais velhos do sexo masculino acerca da queda da vogal medial.

A tabela abaixo ajuda-nos a ter uma visão mais ampla dos resultados da interação. Vejamos:

**Tabela 8 – Variável interação entre faixa etária e sexo/gênero**

	Total	%	P.R.	p- valor
M. 40-55 anos	368	68,8	0,66	<0,001
M. 60 anos ou mais	293	68,3	0,66	0,002
F. 45-55 anos	290	46,6	0,44	0,192
F. 18-35 anos	296	37,2	0,43	0,122
M. 18-35 anos mais	237	40,9	0,42	0,133
F. 60 anos ou mais	304	38,5	0,39	0,017

**FONTE: dados elaborados pelo autor/ 2019**

Percebemos, acima, que o grupo com maior influência sobre a síncope são os homens de duas faixas etárias: 40 – 55 anos e 60 anos ou mais, sobretudo, o peso relativo dessas faixas etárias é igual. O grupo dos homens mais jovens bem como o grupo das mulheres, de modo geral, demonstraram desfavorecer a síncope. Abaixo, apresentaremos os dados da realização do teste Tukey para os fatores da interação.

**Tabela 9 - Teste tukey para a variável faixa etária**

	M 40-55	M >60	F 18-55	F 40-55	F > 60
<b>M 18-35</b>	0,01485*	0,03615*	1,00	0,99995	0,99708
<b>M 40-55</b>	-	1,00	0,01013*	0,01589*	0,00130*
<b>M &gt; 60</b>	-	-	0,02918*	0,04376*	0,00464*
<b>F 18-55</b>	-	-	-	0,99998	0,99432
<b>F 40-55</b>	-	-	-	-	0,97951

**FONTE: Dados elaborados pelo autor/ 2019**

Como já exposto na subseção anterior (cf. ), o teste Tukey aqui foi feito com o intuito de concluir que não há diferença significativa entre as mulheres bem como entre as mulheres e os homens mais jovens. Como podemos observar, só há significância estatística (valores



marcados com \*) na comparação entre masculino com faixa etária entre 40 e 55 anos e acima de 60 anos e os demais agrupamentos. Concluímos, portanto, não há diferença estatisticamente significativa entre os efeitos associados aos homens jovens e às mulheres das diferentes faixas etárias.

Na literatura, os trabalhos de Amaral (2002), Lima (2008), Gomes (2015) e Mota (2017) concluíram que os homens favorecem a síncope.. Labov (2001) afirma, baseado no que denomina de paradoxo do gênero, que as mulheres ora são mais conformistas diante das normas abertamente prescritas, ora são menos conformistas diante das normas não abertamente prescritas. O autor também informa que as mulheres são:

[...] mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio [...] aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável linguística em avanço em sua fala casual, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais. (LABOV, 2008, p. 281-282).

A diferença entre os grupos de faixa etária (40 a 55) e (acima de 60) entre os sexos masculino e feminino converge para essa hipótese. Porém, não há diferença significativa na realização da síncope entre homens e mulheres do grupo mais jovem (15 a 35 anos). Podemos inferir e dialogar com Freitag (2015) na mudança de papel das mulheres na sociedade atual, sobretudo das mais jovens, visto que “a sensibilidade da mulher às formas de prestígio não é uma característica biológica, mas social.” (p. 27.) Assim, podemos afirmar, conforme as mudanças sociais no papel feminino como, por exemplo, maior inserção no mercado de trabalho, que o papel da mulher tenha mudado e as diferenças de comportamento linguístico entre os sexos das gerações mais jovens aparentam estar menos distantes, convergendo para menos variação entre os sexos.

Assim, supomos, com base nos dados apresentados, que não há indícios de mudança linguística em progresso com tendência ao desaparecimento da síncope. Entre as mulheres, a variação está estável (não há diferença entre as idades). Entre os homens, os mais jovens comportam-se como as mulheres, desfavorecendo a síncope. Somente homens mais velhos (adultos e idosos) favorecem a síncope. É possível que haja um processo de mudança em progresso entre os homens e que eles também estejam caminhando para um processo de variação estável, no futuro.

### 5.4.5 VARIÁVEL CIDADE

A variável *cidade* foi incluída com o objetivo de investigar se a síncope apresenta variação no nível diatópico. Nossa hipótese é de que a síncope tenha maior aplicação em cidades com baixas taxas de urbanização e baixo IDH, consequência, por exemplo, de baixo teor da influência escolar, já que a escola atua, nas palavras de Bortoni-Ricardo, como uma agência padronizadora:

Enquanto os falantes rurais ficavam muito isolados pelas dificuldades geográficas de acesso, como rios e montanhas, e pela falta de meios de comunicação, as comunidades urbanas sofriam a influência de agências padronizadoras da língua, como a imprensa, as obras literárias e, principalmente, a escola. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 52)

Entretanto, como vimos, a variável escolaridade não apresentou significância estatística em nossa análise estatística (cf. seção 5.3). Vejamos abaixo o quadro com os percentuais e pesos relativos referentes às cidades pesquisadas:

**Tabela 10 - Variável cidade**

	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>	<b>Significância</b>
<b>União dos Palmares</b>	218	61,5	0,68	0,001
<b>Capela</b>	187	62	0,63	0,034
<b>Santana do Ipanema</b>	195	50,3	0,56	0,283
<b>Maceió</b>	315	51,7	0,51	0,870
<b>Delmiro Gouveia</b>	185	56,8	0,50	0,966
<b>Palmeira dos Índios</b>	169	56,2	0,48	0,745
<b>Penedo</b>	240	40,8	0,40	0,095
<b>São Miguel dos Milagres</b>	81	37	0,38	0,133
<b>Arapiraca</b>	198	36,9	0,34	0,007
<b>Total</b>	1788			

**FONTE: Dados elaborados pelo autor/ 2019**

A tabela acima apresenta duas cidades que favorecem a síncope: União dos Palmares e Capela, cidades muito próximas geograficamente e localizadas na região nordeste do Estado. A única cidade que desfavorece o processo é Arapiraca, localizada no agreste do estado.

Todas as demais cidades não apresentaram efeitos significativamente diferentes do efeito médio.

Na revisão de literatura, dois trabalhos apresentam a variável localidade como relevante, o trabalho de Lima (2008) e o trabalho de Santana (2012). No primeiro trabalho, a autora pesquisou duas cidades. A cidade de Santa Helena de Goiás, apontada com maior área de zona rural, apresentou mais a síncope do que a cidade de Rio Verde, esta mais urbanizada. Na pesquisa de Santana, realizada em dez cidades do estado do Maranhão, o autor explicou o alto índice de síncope em algumas cidades do estado pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, sobretudo no tocante à cidade de Imperatriz, segunda maior do estado, que apresentou baixas notas nos últimos anos de avaliação. Santana também afirma que se faz necessário, para resultados mais claros, analisar a variável localidade em conjunto com outras variáveis como, por exemplo, a escolaridade.

Observamos no quadro que há uma grande diversidade de apagamentos em cidades com características geográficas e sociais bastante diversas. Por exemplo, Maceió e Delmiro Gouveira, apesar de estarem localizadas em pontos geograficamente opostos e apresentarem índice populacionais muito diversos, têm efeitos muito próximos. Já a cidade de Arapiraca, segunda maior em termos populacionais e com segundo maior IDH, foi a cidade que menos favoreceu a queda da vogal medial. Diante disso, apesar da significância da variável e da diferença observada, não conseguimos chegar a muitas generalizações para a variação diatópica observada.

#### 5.4.6 VARIÁVEL PRETÔNICAS

A hipótese desta variável é a de que o tamanho da palavra interfere na síncope das vogais mediais nas proparoxítonas, isto é, quanto maior o número de pretônicas, maior a chance de ocorrer apagamento medial. Dividimos esta variável nas seguintes possibilidades: (0) nenhuma sílabas pretônicas, ex.: *próximo*; (1) uma sílaba pretônica, ex.: *cerâmica*; (2) duas sílaba pretônica, ex.: *matemática*. Embasamos nossa hipótese nos trabalhos de Chaves (2011) e Gomes (2015) que concluem que quanto mais sílabas pretônicas, maior a chance de apagamento. Vejamos a tabela:

**Tabela 11- Variável número de sílabas pretônicas**

Total	%	PR	p-valor
-------	---	----	---------

2	156	52,6	0.60	0,032
1	400	44,2	0.49	0,814
0	1232	53	0.41	0,009

**FONTE: Dados elaborados pelo autor/ 2019**

Observamos acima que o aumento da quantidade de sílabas pretônicas influencia na síncope, com um índice de apagamento crescente. Ou seja, um maior número de sílabas apresenta uma maior possibilidade de apagamento medial. Essa constatação converge com os trabalhos de Chaves (2011) e Gomes (2015) ao confirmar a hipótese trazida denominada de extensão do vocábulo, dividindo-o em trissílabos e polissílabos, e que apresentaram maior possibilidade de síncope em palavras polissílabas. Chaves também remete ao latim vulgar ao afirmar que a síncope era produtiva em palavras com mais de três sílabas. Assim, nossa hipótese foi confirmada pela constatação de que quanto mais pretônicas a proparoxítona apresenta, maior a probabilidade de ocorrer queda da vogal medial.

#### 5.4.7 VARIÁVEIS AGREGADAS

As variáveis agregadas correspondem ao indivíduo e ao item lexical, ou seja, em uma regressão multinível, essas variáveis já são controladas com o intuito de verificar o quanto da variação de síncope em proparoxítonas pode ser explicado em nível individual e de modo diferente em itens lexicais.

Essas variáveis controlam o efeito de superestimação na variação, isto é, quando um ou alguns indivíduos ou itens lexicais específicos apresentam uma taxa bastante elevada de realização de síncope, levando a uma falsa interpretação dessa variação na comunidade em estudo.

O controle dessas variáveis é feito pelo Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI). Vejamos no quadro abaixo os CCI's para a variável indivíduo e item lexical:

**Tabela 12 - Variáveis de nível agregado no processo de síncope em proparoxítonas**

Variáveis agregadas	Variância	CCI
---------------------	-----------	-----

<b>Itens lexicais</b>	1.2781	28,0%
<b>Indivíduos</b>	0.5654	14,7%

**FONTE: Dados elaborados pelo auotr/ 2019**

Os dados acima apresentam 28% de CCI para itens lexicais e 17,7% de CCI para indivíduos. Isso implica afirmar que 28% da variabilidade entre síncope e não síncope pode ser explicado pela variação entre itens lexicais e 14,7% pela variação entre os indivíduos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou a síncope em proparoxítonas com dados do Estado de Alagoas e buscou identificar os fatores linguísticos e sociais que favorecem esse processo. De um total de 1.788 proparoxítonas de estrutura CV, identificamos 912 casos de apagamento vogal medial, o que resulta em 51% de síncope. Após análise dos dados, concluímos que:

- Linguisticamente, a síncope é favorecida (1) nos casos em que há apagamento na sílaba final, (2) quando a vogal medial é alta [i/u], (3) quando a proparoxítona não ocupa a última posição da sentença (4) em relação diretamente proporcional ao tamanho da palavra.
- Socialmente, a síncope é favorecida entre os homens adultos e idosos, não sendo observada diferença significativa entre as demais categorias sociais. Em relação à variação diatópica, não identificamos um padrão na distribuição das cidades no Estado, apesar da significância da variável.

Dentre as variáveis não significativas, duas merecem destaques por divergirem da maioria dos trabalhos da revisão de literatura: a escolaridade e a ressilabação. Na maioria das pesquisas, o mais alto grau de escolaridade demonstrou-se fundamental para a não produção de síncope. Contudo, esta variável não demonstrou-se influente em nossa pesquisa. Dois aspectos podem ter contribuído para isso: a utilização de modelos de regressão multinível que busca o controle de variáveis agregadas e a análise acústica dos dados.

A variável ressilabação, em outros estudos, aponta para o fenômeno da síncope de acordo com princípios e restrições de sílaba na língua portuguesa, isto é, só ocorre a síncope

se os princípios e restrições forem satisfeitos. Entretanto, concluímos que é possível a ocorrência da síncope em proparoxítonas que apresentam ambientes teoricamente inibidores. É possível supor, com isso, que a síncope realiza-se no nível fonético. Segundo Bisol (2013), o Princípio de Preservação de Estrutura (Kiparsky, 1982) encontra-se saturado e não atua em nível pós-lexical.

Defendemos que a síncope em proparoxítonas possui, além de uma motivação fonológica (fonologia métrica e condições de boa formação e possibilidade de ressilabação), também uma motivação fonética, sobretudo ligada a qualidade vocálica medial, o que pode levar a seu apagamento independente das condições de ressilabação. Outras variáveis merecem ser levadas em consideração para um estudo mais aprofundo dos dados aqui apresentados, como a taxa de elocução, o detalhe fonético (acústico) para melhor compreender o comportamento das vogais mediais no português e testes de percepção com os informantes.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **As palavras proparoxítonas no falar de fortaleza.** (Online), 2000. Disponível em: < <http://www.profala.ufc.br/wpcontent/uploads/2018/04/trabalho5.pdf>> . Acesso em: 20 jun. 2018.

ARAÚJO, Aluiza Alves. **A redução das proparoxítonas a partir dos dados do projeto Atlas Linguísticos do Brasil.** (Online), 2012. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/4615>> Acesso em: 20 jun. 2018.

ARAÚJO, Aluiza Alves; LOPES, Gustavo Henrique Viana. **A síncope das proparoxítonas no Atlas Linguístico do Pará: uma fotografia variacionista.** (Online), 2014. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/6407>> Acesso em: 20 jun. 2018.

ARAÚJO, Aluiza Alves; ALMEIDA, Branda Kathellen M.; SANTOS, Letícia Adriana P. dos. **A síncope das proparoxítonas no Atlas Prévio dos Falares Baiano: um olhar variacionista.** (Online), 2014. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/8126>> Acesso em: 20 jun. 2018.

ARAÚJO, Gabriel A. et al. (orgs). **O acento em português: abordagens fonológicas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BARBOSA, Plínio A.; MADUREIRA, Sandra. **Manual de fonética acústica experimental: aplicação a dados do português.** São Paulo: Cortez, 2015.

BUENO, Elza Sabino da Silva; Márcios Palácios de. **Aspectos sociolinguísticos da síncope nas proparoxítonas no português falado em Dourados – MS.** (Online), 2010. Disponível em: < <http://www.sociodiaeto.com.br/edicoes/8/09052011091636.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2018

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: ABAURRE, M. B. M. (org). **Gramática do Português Culto falado no Brasil: A construção fonológica da palavra.** São Paulo: Contexto, 2013. 21 – 52.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CHAVES, R. G. **A redução de proparoxítonas na fala do sul do Brasil** (online), 2011. Disponível em: < <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4224>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CHAVES, Raquel Gomes; SILVA, Susiele Marchy da. **Síncope e alçamento da vogal postônica não-final /o/: índices de motivação extralinguística.** (Online), 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2014v15n2p1>> Acesso em: 20 jun. 2018.

COELHO, Izete L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 47º ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

FERNANDES, Ana Catarina Garcia. **APAGAMENTO DE VOGAIS ÁTONAS EM TRISSÍLABOS PROPÁROXÍTONOS: Um Contributo para a Compreensão da Supressão Vocálica em Português Europeu**. (Online), 2007. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/14649>> Acesso em: 20 jun. 2018.

GOMES, Danielle Kely. **O apagamento das vogais postônicas não finais: uma análise contrastiva entre variedades do português**. (Online), 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42486>> Acesso em: 20 jun. 2018.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PAULA, Aldir S. de; COSTA, Maria Andressa P. **Fonética fundamental: princípios de fonética articulatória, acústica e auditiva**. Maceió: EDUFAL, 2011.

HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmem Lúcia (orgs.). **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo, Parábola, 2008 [1972].

LIMA, Giselly de Oliveira. **O efeito da síncope nas proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do sudoeste goiano**. (Online), 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15338>> Acesso em: 20 jun. 2018

MEIRELES, Alexandre Rodrigues; BARBOSA, Plínio Almeida. **O papel da taxa de elocução nos processos dinâmicos de mudança linguística**. (online), 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5141>> Acesso em: 20 jun. 2018.

MOTA, André Luiz Oliveira. OLIVEIRA, Alan Jardel. **Síncope em proparoxítonas no português alagoano**. IN: 9ª SEMANA DE LETRAS - Real Ficção: passos e descompassos no campo do signo, 2016, Maceió. **Anais**. Disponível em: <[http://docs.wixstatic.com/ugd/ff0560\\_6deaaa3381984c068b6164d7fdd56775.pdf](http://docs.wixstatic.com/ugd/ff0560_6deaaa3381984c068b6164d7fdd56775.pdf)> Acesso em: 4 abr. 2018.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. – São Paulo Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. **Comendo o final das palavras: análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. **Português alagoano: proposta de constituição de um banco de dados de falares alagoanos**. Maceió, UFAL, 2013. Projeto de Pesquisa.

RAMOS, Adriana Perpétua; TENANI, Luciani Ester. **Análise métrica do apagamento das vogais postônicas não finais no dialeto do noroeste paulista**. (Online), 2009. Disponível em:



<[https://www.researchgate.net/publication/267200759\\_Analise\\_metrica\\_do\\_apagamento\\_das\\_vogais\\_postonicas\\_nao\\_finais\\_no\\_diaeto\\_do\\_noroeste\\_paulista](https://www.researchgate.net/publication/267200759_Analise_metrica_do_apagamento_das_vogais_postonicas_nao_finais_no_diaeto_do_noroeste_paulista)> Acesso em: 20 jun. 2018.

ROGRIGUES, Maria Celeste. **Evidências de regularização acentual no litoral alentejano.** (Online), 2015. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42828>> Acesso em: 20 jun. 2018.

SANTANA, Arthur Pereira. **A síncope revisitada: análise com base no corpus do ALiMA.** (Online), 2012. Disponível em: < <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/1266>> Acesso em: 20 jun. 2018.

SILVA, André Pedro da. **A reestruturação acentual do PB mediante o apagamento da vogal postônica medial.** (Online), 2015. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42487>> Acesso em: 20 jun. 2018.

SILVA, André Pedro da. **Supressão da vogal postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapeense.** 2006. Dissertação. Disponível em: < [http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wpcontent/uploads/2012/11/images\\_AndrePedro.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wpcontent/uploads/2012/11/images_AndrePedro.pdf)> Acesso em: 20 jun 2018

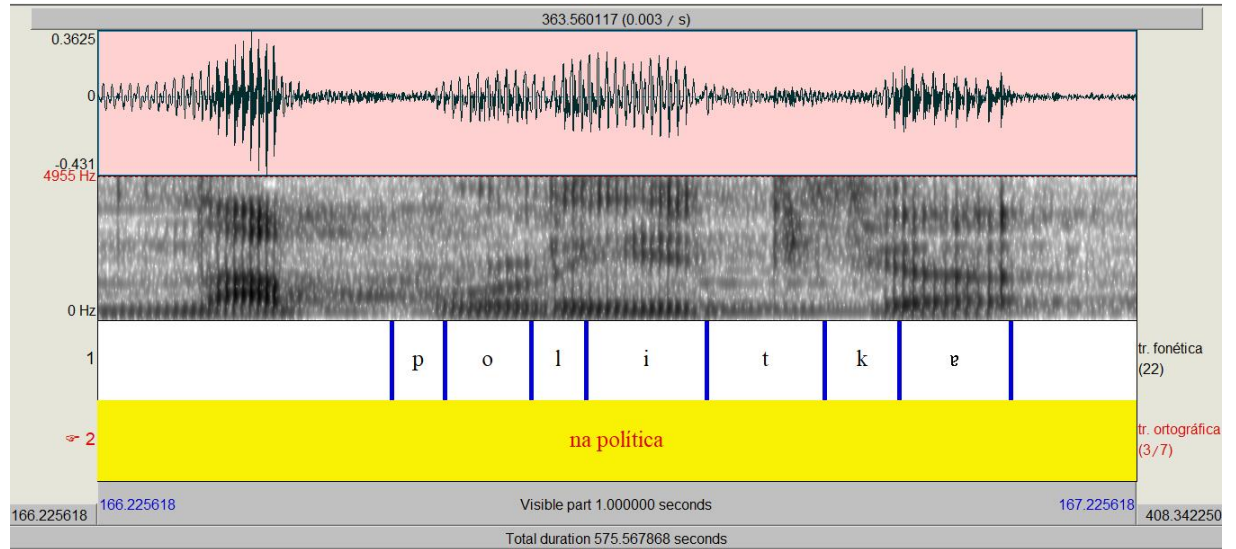
SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e Fonologia no Português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 10. ed. – São Paulo: Contexto, 2015.

TARALO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Editora Ática, 2004.

QUEDNAU, Laura Rosane. **O acento na evolução do latim clássico para o latim vulgar.** (Online) 2004. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3879>> Acesso em: 20 jun. 2018.

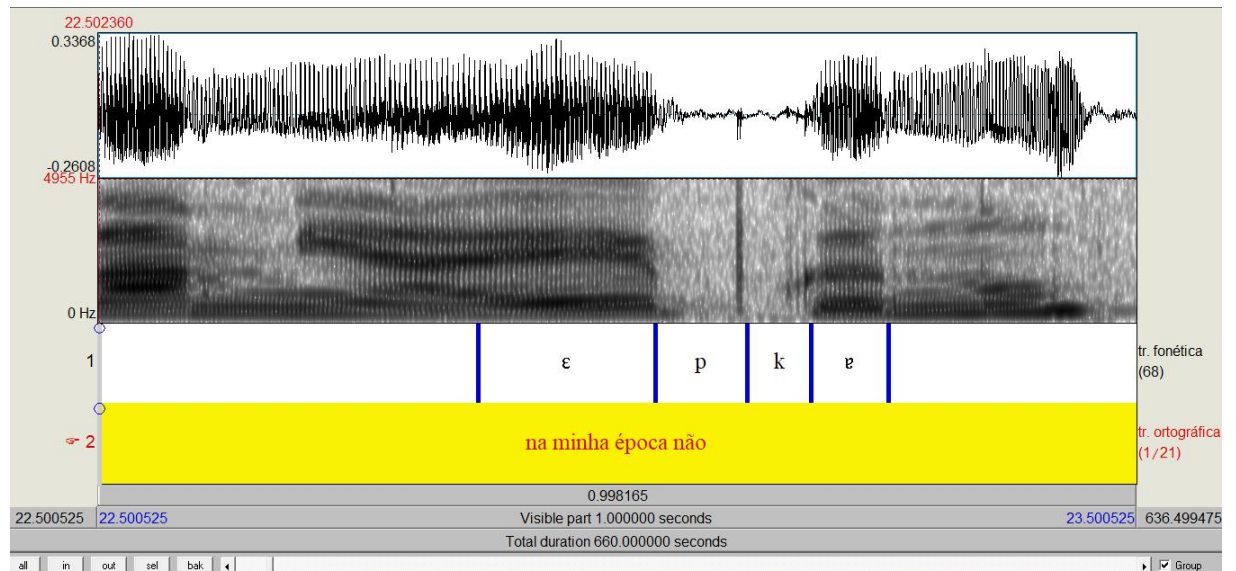
## APÊNDICE

**Figura 13 – Oscilograma e espectograma da palavra “política” CP66M12 com apagamento da vogal [i].**



**FONTE: Elaboração própria**

**Figura 14 – Oscilograma e espectograma da palavra “época” DE74F11 com apagamento da vogal [o].**



**FONTE: Elaboração própria**

**Lista de proparoxítonas utilizadas na narrativa livre**

<p><b>A</b></p> <p>Abóbora            Acadêmico            Aeronáutica            Agrícola            Agrícolas            Alcoólatra            Alcoólica            Alcoólicas            alcólica            Alérgica            Alérgico            Altíssimo            Âmbito            Análise            Análises            Andávamos            Angélica            antibíblica            Apolítico            Apropriávamos            Aritmética            Árvore            Árvores            Atlântica            Autônomo</p>	<p><b>N</b></p> <p>Neópolis            Nicolás            Nítida            Nômade            Número            Números</p>
<p><b>B</b></p> <p>Bárbaro            Bárbaros            Básica            Básicas            Básico            Básicos            Batíamos            Bêbado            Bebíamos            Bíblica            Belíssimo            Biológica            Biológicos            Brincávamos            Brigávamos            Brincávamos</p>	<p><b>O</b></p> <p>Obstáculo            Óculo            Óculos            Ônibus            Ortognática            Ótica            Ótima            Ótimas            Ótimo            Ótimos</p>

Burocrático Burocráticos	
<p><b>C</b></p> <p>Cálculo  Câmara  Câmera  Canafístula  Cântico  Capítulo  Característica  Cardíacos  Caríssima  Católica  Católico  Católicos  Centésimo  Cerâmica  Cérebro  Chácara  Chácaras  Chorávamos  Cícera  Cícero  Científica  Científico  Científico  Círculo  Cívica  Clínica  Clínicas  Código  Colocávamos  Cômodo  Cômodos  Competíamos  Comprávamos  Congênita  Córrego  Costumávamos  Crédito  Crepúsculo  Criávamos  Crítica  Críticas  Crítico</p>	<p><b>P</b></p> <p>Página  Pânico  Paralelepípedo  Paralelepípedo  Pároclo  Pároco  Pássaros  Passeávamos  Prática  Pedagógico  Penúltimo  Perigosíssimo  Período  Péssima  Péssimo  Pífano  Pífanos  Pílula  Pirâmide  Pílula  Plástica  Plásticas  Plástico  Platônico  Polêmica  Polêmico  Política  Políticas  Político  Políticos  Pouquíssima  Pouquíssimas  Pouquíssimo  Prática  Prático  Príncipe  Problemática  Problemática  Problemáticas  Profético  Propósito  Próspera</p>

<p>Críticos Crônica Cúmplice Currículo Curtíamos</p>	<p>Próstata Próxima Próximas Próximo Próximos Psicanálise Psicóloga Psicológica Psicológico Psicólogo Pública Públicas Público Públicos</p>
<p><b>D</b></p> <p>Dançávamos Débito Década Dedicássemos Deixávamos Democrática Democrático Depósito Derrubávamos Diálogo Diálogos Didática Didáticos Dinâmico Dívida Dízimo Doméstica Dormíamos</p> <p>Dúvida Dúvidas</p>	<p><b>Q</b></p> <p>Quilômetro Quilômetros Química Químicos</p>
<p><b>E</b></p> <p>Ecológico Econômica Econômico Econômicos Elétrica Elétrico Empilhávamos</p>	<p><b>R</b></p> <p>Rápida Rápido República Retórica retrógrada Ridículo Ridículo</p>

<p>Encontrávamos  Enérgico  Ensinávamos  Entrávamos  Enveredássemos  Epidemiológico  Época  Éramos  Erradíssimo  Escândalo  Elástico  Específico  Específicos  Espetáculos  Espírita  Espírito  Esporádico  Estáticos  Estatística  Estávamos  Estética  Estômago  Estudávamos  Estúpida  Evangélica  Evangélicas  Evangélico  Evangélicos  Evengélica  Exército</p>	<p>Rígida  Rígido  Rígidos  Rítmica  Romântica  Romântico  Românticos  Rosângela  Rústica  Rústico</p>
<p><b>F</b></p> <p>Fantasmagórica  Fábrica  Fantástica  Fantástico  Fátima  Ficássemos  Filarmônica  Física  Físico  Fazíamos  Folclórica  Folclóricas  Folclórico  Folclóricos</p>	<p><b>S</b></p> <p>Sábado  Sábados  Saíamos  Século  Semiárido  Sétima  Sétimo  Símbolo  Simpática  Simpático  Síndico  Sinônimo  Socioeconômico  Sociológicos</p>

<p>Fórmulas Fósforo Fôssemos Frequentávamos Frutíferas</p>	
<p><b>G</b></p> <p>Gastroclínica Gênesis Geógrafo Ginástica Gramática Grávida</p>	<p><b>T</b></p> <p>Técnica Técnicas Técnico Tecnológica Tecnológicos Temática Teófanos Teórica Térmica Término Tétano Tetraplégica Tímida Tímido Tínhamos Típica Título Tivéssemos Tivéssemos Tóxico Trabalhávamos Tráfico Trágicas Trágico Trânsito Traumático Trilhássemos Túmulo Turística Turístico Turísticos</p>
<p><b>H</b></p> <p>Hábito Hemodiálise Hétero Hidráulico Hipótese hidroelétrica</p>	<p><b>U</b></p> <p>Úlceras Última Últimas Último Últimos Única</p>

<p>Histórica Histórico Homofóbica Homofóbico Horóscopo Humanística</p>	<p>Uniclínica Único Únicos Usávamos Útero</p>
<p><b>I</b></p> <p>Ideológicas Ídole Ídolo Ilícitas Índice Indígena Índole Inóspito Íntimas Íntimo Inúmeros Inventávamos Irônica</p>	<p><b>V</b></p> <p>Válida Válvula Veículo Veículos Verídica Versículo Véspera Vínculo Vínculos Vínhamos Violência Vítima Vivêssemos Voltávamos</p>
<p><b>J</b></p> <p>Jogávamos Jornalísticos</p>	<p><b>W</b></p>
<p><b>K</b></p>	<p><b>X</b></p>
<p><b>L</b></p> <p>Lâmpada Lágrima Legítima Lésbica Lésbicas Levávamos Levítico Lícitas Lindíssimos Linguística Líquido Lógica Lógico</p>	<p><b>Y</b></p>



Lotérica Lúdico	
<b>M</b> Mágico Magnífico Máquina Máquinas Marítimo Mármore Matemática Matemáticas Matemático Máximo Mecânico Mecânicos Médica Médico Médicos Méritos Metáfora Métodos Metrópole Mínimo Mística Monótona Monteirópolis Morávamos Muitíssimo Música Músicas Músico	<b>Z</b>

## Roteiro das Entrevistas

*“Conte uma lembrança importante...”*

- a. Da sua infância em casa.
- b. Da sua infância na escola.
- c. Da sua infância com amigos.
- d. Da sua infância com os pais.
- e. Da sua infância com os avós.
- f. Da infância dos seus filhos em casa (caso tenha filhos).
- g. Da infância dos seus filhos na escola (caso tenha filhos).
- h. Da sua juventude.
- i. De relacionamentos amorosos (marido/esposa, namorado(a), etc.) (como conheceu o marido/esposa, namorado(a), etc)

*“Conte com o máximo de detalhes possível”*

- j. Como era a casa em que você morava quando você tinha 10 anos
- k. Como era a cidade na sua infância.
- l. Um filme que você assistiu ou um livro que você leu há mais de 6 meses
- m. O que você fez na segunda-feira da semana passada

*O que você pensa sobre”*

- n. pena de morte
- o. aborto
- p. casamento entre pessoas do mesmo sexo

**ANEXO 2**  
**Questionário Social**

Data da entrevista    /   /	Local da entrevista: <input type="checkbox"/> casa do participante <input type="checkbox"/> outro. Qual?		
Nome completo do entrevistador	Idade:	Sexo/Gênero: <input type="checkbox"/> masc. <input type="checkbox"/> fem.	
Nome completo do participante	Idade:	Sexo/Gênero: <input type="checkbox"/> masc. <input type="checkbox"/> fem.	
Endereço completo do participante:			
Telefones de contato do participante:			
Bairro e cidade de nascimento do participante:			
Escolaridade do participante e idade de conclusão:			
Em que escola(s) estudou? Listar as 3 mais importantes			
Escolaridade da(s) pessoa(s) que cuidavam do participante na infância (pais, avós, etc.)			
Já morou em outro local (outro bairro, cidade, estado ou país)? Listar todos os locais (colocar a idade que o participante tinha na época em que morou no local e o tempo de moradia)			
A qual classe social o participante diz pertencer? <input type="checkbox"/> alta <input type="checkbox"/> média alta <input type="checkbox"/> média baixa <input type="checkbox"/> baixa			
Ocupação atual (profissão)			
Ocupações anteriores e duração da ocupação			
O que costuma fazer nas horas vagas?			
O que costuma fazer para se divertir?			
Com quem costuma conversar durante a semana? (no trabalho, em casa, na rua, etc.)			
Com quem costuma conversar nos fins de semana? (no trabalho, em casa, na rua, etc.)			
Em média, quantas horas passa lendo por dia? (qualquer leitura)			
Que tipo de leitura costuma fazer?			
Em média, quantas horas passa assistindo TV por dia?			
Que tipo de programas assiste com mais frequência na TV?			
Em média, quantas horas passa na internet por dia?			
Que tipo de sites utiliza com mais frequência na internet?			
Já fez algum curso? Qual? Qual a duração?			
Tem costume de viajar? Com que frequência? Para onde já viajou?			

### ANEXO 3

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) da pesquisa “Português alagoano”, recebi de

\_\_\_\_\_, estudante da Universidade Federal de Alagoas, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que a pesquisa é de responsabilidade de Alan Jardel de Oliveira, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas
- Que a pesquisa destina-se à criação de um banco de dados de falares alagoanos.
- Que a importância desta pesquisa é a de permitir uma melhor compreensão sobre a língua falada em Alagoas.
- Que os resultados que se desejam alcançar são: descrição e análise de processos linguísticos em Alagoas.
- Que essa pesquisa começará em 01/11/2013 e terminará em 01/11/2016.
- Que a pesquisa será feita da seguinte maneira: o pesquisador gravará uma entrevista comigo, a qual será, posteriormente, analisada por meio de métodos linguísticos e estatísticos, juntamente com entrevistas realizadas com outros participantes.
- Que eu participarei somente da etapa de gravação da entrevista.
- Que não haverá incômodos ou riscos à minha saúde física e mental com a minha participação na pesquisa.
- Que não haverá benefícios diretos por minha participação.
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Que eu não precisarei desembolsar nenhuma quantia para participação na pesquisa.
- Que eu deverei ser indenizado caso me sobrevenha algum dano decorrente da participação na pesquisa.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso **eu dou o meu consentimento sem que para isso eu tenha sido forçado ou obrigado.**

Endereço completo do participante:

Telefone(s)

Maceió, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

<b>Contato do responsável pela pesquisa:</b>	
Instituição: Universidade Federal de Alagoas / Faculdade de Letras	
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Cidade Universitária/CEP: 57072900/Maceió/AL Telefones p/contato: (82) 32121332 – (82) 81369966	
Assinatura do participante	
Assinatura do responsável pela entrevista	Assinatura do responsável pela pesquisa

